



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**TATUAGEM DA CIDADE: Rastros da cena do graffiti em Macapá –  
curta-documentário**

**Danrlei Chagas**  
**Raimundo Brito**

**MACAPÁ**  
**2019**

DANRLEI CHAGAS DOS SANTOS  
RAIMUNDO WALDECI DA SILVA BRITO

**TATUAGEM DA CIDADE: Rastros da cena do graffiti em Macapá -  
curta-documentário**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura  
em Artes Visuais- UNIFAP Memorial do Curta-  
Documentário sobre a cena do Graffiti na cidade de  
Macapá-AP, apresentado sob orientação da  
Prof<sup>a</sup>.Msc..Cristiana Nogueira

Macapá,.....de .....de.....

**BANCA EXAMINADORA**

-----  
prof<sup>a</sup> Doutora Silvia Carla Marques Costa.

-----  
prof<sup>o</sup> Mestre José de Vasconcelos Silva.

-----  
prof<sup>a</sup> Mestre Cristiana Nogueira Menezes Gomes.

**Macapá**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Sentimo-nos gratos pelo fato de estarmos concluindo a graduação numa universidade pública de nossa cidade. A UNIFAP é um marco em Macapá no que refere a democratização do acesso ao ensino superior à juventude, sobretudo aos que não podem pagar por uma faculdade particular. Agradecemos a todos deste espaço, professores, técnicos, servidores, sabemos que há muito que melhorar, porém há muito que comemorar. Ficamos felizes e empolgados ao entrar na UNIFAP, porém mais gratificante é sair.

Agradecemos a todos os professores que fazem essa jornada mais leve e atraente, em especial a professora Cristiana Nogueira, que aceitou orientar-nos neste trabalho, e outros professores que de forma especial também nos inspiraram com suas paixões pelas Artes Visuais.

Agradecemos a nossas famílias, nossos “Paistocinadores” que sempre nos apoiam em tudo, que nos compreendem desde de que não lembramos.

A todos professores e artistas que contribuem para que a Arte mantenha-se viva e forte dentro do estado, em especial aos grafiteiros que doaram seu tempo com gosto, para nos ajudar nas entrevistas. Sem vocês isso não teria sido possível, muito menos existiria uma cena do graffiti local!

Em especial ao grande Lucas Monte, que é formado em cinema, co-fundador da Casa da Floresta Artes e que sem ele nada disso teria sido possível. Doou seu tempo e sua energia, para filmar todas as imagens do documentário sem nos cobrar um bozus(\$), Deus lhe pague!. Agradecemos muitíssimo aos profissionais maravilhosos Jhenni Quaresma e André Cantuária, que editaram todo material, compreendendo nossa condição de acadêmicos-f\*didados que não tem um pau pra tacar no gato, todos esses foram fundamentais para realização desse projeto independente.

Enfim agradecemos a todos que contribuíram de certa forma para que isso se tornasse realidade, aos colegas/amigos de turma.

Gratidão ao Absolutto, nosso pai que está em segredo nos céus, e que tudo vê!

## DEDICATÓRIA

*“Dedicamos este presente trabalho a todos que buscam conhecer esse universo do graffiti e da arte urbana, sem distinção alguma ou pré julgamentos.”*

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2-JUSTIFICATIVA</b>	<b>8</b>
<b>3-METODOLOGIA</b>	<b>11</b>
<b>4.1-PRÉ-PRODUÇÃO: levantamento de dados</b>	<b>13</b>
<b>4.1.1-ENTREVISTADOS</b>	<b>14</b>
<b>4.2-PRODUÇÃO: entrevistas</b>	<b>19</b>
<b>4.3-EDIÇÃO: produção final</b>	<b>23</b>
<b>4.3.1-RECURSOS UTILIZADOS</b>	<b>24</b>
<b>5-REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>25</b>
<b>6-CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>40</b>
<b>7-BIBLIOGRAFIA</b>	<b>41</b>

### ANEXOS

ANEXO I – Mapa das intervenções

ANEXO II – Trabalhos dos artistas

ANEXO III – Bastidores

ANEXOS IV – Roteiro para entrevistas

ANEXOS V – Entrevistados

## 1- INTRODUÇÃO

Este presente trabalho divide-se em memorial e um curta-DOC<sup>1</sup>, pretende contribuir para a memória do graffiti local, para uma maior interação entre a comunidade e a Universidade Federal do Amapá, através da entrevista de nove grafiteiros de Macapá, que nos forneceram dados que podem ser muito importantes para próximos trabalhos, tanto para a continuidade de nossas pesquisas quanto para de outros.

O graffiti é uma manifestação artística surgida dos guetos americanos, nos bairros do Bronx e Brooklyn de Nova Iorque, mas antes desse surgimento recente, sabe-se, no entanto, que essa forma de inscrição nas paredes acompanha o ser humano desde a pré-história. As pinturas rupestres são os primeiros exemplos na história da arte disso que viemos a chamar de graffiti. Possuía uma linguagem própria da época, assim como é hoje, já que não pintamos mais cervos e bisões para um fim ritualístico, mas pintamos ideias que intervêm no cenário urbano da cidade. Segundo Celso Gitahy,

“Maurício Villaça, um dos precursores da arte do graffiti no Brasil, partilhava da idéia de que os graffiti são também as garatujas que fazemos desde a mais tenra idade, os rabiscos e gravações feitos em bancos de praça, banheiros, e até mesmo aqueles que surgem quando falamos ao telefone. Assim, também o graffiti que se difunde de forma intensa nos centros urbanos significa riscar, documentar, de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo. Diz respeito a uma necessidade humana como dançar, falar, dormir, comer etc.”(GITAHY, 1999, p. 12.)

As cidades cresceram de forma desordenada, juntamente com as desigualdades sociais. A cidade está a cada dia mais dura e embrutecida, petrificando as múltiplas vivências e as diferenças. Claro que Macapá não é uma cidade cinza, mas são tempos difíceis, em que há cada vez mais pessoas indigentes nas ruas da cidade, a segregação dos condomínios fechados sendo importada dos modelos de cidades de outras partes do país e a verticalização

---

<sup>1</sup> <https://youtu.be/XPzZwuLxO68> link para teaser do Curta-documentário.

acelerada promovida pela especulação imobiliária.<sup>2</sup> Nem todos cidadãos podem ter diversão e, nem todo mundo pode usufruir da produção de cultura e bens coletivos, fragmentando mais ainda a sociedade, como vemos acontecer nas outras cidades.

Entendemos, desta maneira, o grafitti como uma manifestação artístico-política, já que tenta transgredir não só o uso da cidade como também busca uma forma de atuação coletiva, se juntando em alguns momentos com outras ações artísticas como as batalhas de hip hop, os slams, assim como tantas outras, se aproximando em alguns aspectos do ativismo. Segundo André Mesquita:

Em seu livro *Activism! Direct action, hacktivism and the future of society*, Tim Jordan afirma que “solidariedade e transgressão, coletivo e ação são os pares do ativismo”. A solidariedade entre os ativistas surge do resultado de um conjunto comum de interações e motivações entre as pessoas, do *nós* prevalecendo sobre o *indivíduo*, dos atores sociais se reconhecendo diante de suas lutas e de um desejo de transformar os caminhos de suas vidas. O aspecto da transgressão envolve uma mudança na ordem normal das coisas, permitindo “*um ataque à reprodução das normas sociais, crenças, desigualdades e opressões.*” (MESQUITA, André, 1990-2000, p.10)

Apesar de tudo, a cidade não está morta, ela vive não somente pelas ruas e rodovias, que a cortam junto a poluição sonora e a poluição do escapamento dos carros, mas também pelas pessoas que tecem teias de relações e de significados coletivos diariamente na cidade. Este universo de relações, encontros que vivem e fazem pulsar a cidade em múltiplas possibilidade são processos criativos que são inerente às relações, assim como a umidade é inerente a água.

Acreditamos na manifestação e intervenção do grafitti e da pichação não apenas como manifestação artística, mas enquanto seu potencial de

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre esses aspectos, consultar:

<http://www.geoamazonia.net/index.php/revista/article/view/125>

[https://www.academia.edu/34009591/Os\\_desafios\\_de\\_inclus%C3%A3o\\_social\\_entre\\_a\\_cidade\\_e\\_o\\_e\\_dif%C3%ADcio\\_na\\_cidade\\_de\\_Macap%C3%A1](https://www.academia.edu/34009591/Os_desafios_de_inclus%C3%A3o_social_entre_a_cidade_e_o_e_dif%C3%ADcio_na_cidade_de_Macap%C3%A1)

[http://www2.unifap.br/arquitetura/files/2018/10/Gabriela-Avila\\_-Welligton-Gatinho\\_-VII-SAU.pdf](http://www2.unifap.br/arquitetura/files/2018/10/Gabriela-Avila_-Welligton-Gatinho_-VII-SAU.pdf)

transformação da cidade e de transmutação dos próprios sujeitos que praticam o graffiti que, ao produzir uma cidade outra, também são transformados. Na busca da humanização da cidade, a intervenção do humano no urbano, reencantando lugares inóspitos, abandonados, reivindicando um espaço de expressão na cidade com toda objetividade e subjetividade. Sujeitos com um contexto político histórico-sócio cultural, que reclamam espaço numa sociedade que prioriza o privado em detrimento do público, reclamam novos sentidos para apreensão da cidade que não o que é imposto pelo modelos vigentes.

## **2- JUSTIFICATIVA**

Entendemos que essa pesquisa tem grande relevância, uma vez que não existem muitos trabalhos científicos sobre graffiti em Macapá e no próprio curso de Artes Visuais da Unifap são poucas as pesquisas sobre o tema. É difícil encontrar uma cidade que não tenha uma manifestação de arte urbana, especificamente o graffiti, porém o mesmo não acontece com trabalhos científicos. Pelo menos aqui, encontramos além de dois tccs, outros dois trabalhos, sendo um artigo publicado na Revista Pracs “A (im)permanência do traço: rastro, memória e contestação (2009), de Cristiana Nogueira. O outro é um livro recentemente disponibilizado em versão digital da também docente da UNIFAP, Silvia Marques, que se chama “CIDADE ATELIER: Poéticas sociais e ações artísticas na Amazônia (2019).

Buscamos com este trabalho contribuir para futuros pesquisadores que busquem o assunto, inclusive de outras áreas do conhecimento que também tenham interesse por essa temática. Acreditamos estar trazendo uma nova visão acerca do assunto, uma vez que estamos inseridos na cena, e nos preocupamos em mostrar opiniões, dados sobre as dificuldades da continuação dessa manifestação aqui, para gerar novas discussões, seja o apreço ou para crítica ao nosso presente trabalho.

Claro que também este trabalho apresenta conteúdo relevante para o cenário de produção do graffiti local, uma vez que desejamos mostrar uma

visão de dentro da coisa. Sendo um dos primeiros, se não o primeiro, documentário produzido de forma independente dentro do estado que aborda neste viés este assunto, também apresenta valor para a sociedade, já que o graffiti ainda faz parte da vida de poucas pessoas no seu cotidiano aqui no Amapá. Podemos entender isto a partir da fala do Eder, que nos relatou na entrevista como que a importância do graffiti se dá:

“...trazendo a pessoa a reflexões, a apreciar mais a cidade e poder ver a cidade de uma outra forma. Assim como São Paulo tem esse problema do cinza dos prédios e de tudo mais, o grafite, com o incentivo do próprio governo, (...) vem para colorir a cidade, pra mudar a forma que o cidadão enxerga e vive aquela cidade...” (Eder, 2019).

E apesar do graffiti ser uma produção artística hoje mais aceita, ainda há uma certa dificuldade e relutância em sua aceitação aqui, até mesmo dentro da universidade, como já apontamos acima.

Sobre a importância da escolha dos artistas apresentados aqui neste trabalho, acreditamos que todos tem um trabalho sólido, apresentando características próprias e, por isso, foram selecionados para apresentar suas histórias, impressões e pontos de vista sobre a cena de graffiti. Porém, não conseguimos entrevistar mais pessoas por conta de uma série de fatores, mas consideramos que todos que fazem rabiscos nos muros são importantes, cada contribuição é muito válida para ocupar a cidade, com suas diferentes abordagens, possibilidades e experiências. Procuramos também escolher alguns que acreditávamos que recordariam o surgimento do graffiti aqui em Macapá, já que não encontramos fontes bibliográficas de consulta para estes dados durante a pesquisa. Isso pode ser visto na fala do entrevistado Mikeas Alves (KASH):

“(...) relatos de o que era a pichação aqui, (...) eram mais por conta de gangue mesmo. Assim que a galera pintava o setor dos outros e talz, e depois eles iam se enfrentar na porrada. Era mais isso mesmo, eu via muita pichação, via muito da gang sabotagem, da sepultura, e uns nomes mesmo do pessoal(...)”. (Mikeas .2018).

Já que não é algo relativamente recente e está se perdendo na memória dos sujeitos praticantes, além das pessoas que já morreram ou se mudaram e, assim, os relatos vão se perdendo, então é importante, nesse sentido, se

resgatar essa história que só existe de forma oral. Até porque este tipo de produção artística caracteriza-se por ser transitória, não permanente, impossibilitando que encontremos pelas ruas os trabalhos produzidos nas décadas passadas, caso não haja registros fotográficos ou fílmicos.

Muitos desses grafiteiros hoje são referência para muita gente, entre eles mesmos e para quem está começando, existindo o máximo respeito um pelo outro. Todos os artistas fazem parte da cena local e têm o reconhecimento enquanto artista. Aqui têm artistas com grande potencial, como por exemplo a Moara Negreiros (MOKA), uma das entrevistadas que tem duas participações em festivais de graffiti fora do estado como o 5º Festival Bahia de todas cores 2019 e o INarte/Residências 2019 (RN) e a Residência e Festival Corpus Urbis – 4ª edição | Oiapoque em 2018, festival de performance e intervenção urbana, que foi realizado no estado. Durante a pesquisa, ela também foi selecionada para participar da 3ª edição da residência Tecno Barca, que acontecerá no arquipélago do Bailique -AP.

Acredita-se que espaços, como o antigo Catita Clube, que era um espaço de arte e cultura independente, tiveram grande contribuição para formação de alguns artistas e reconhecimento dos mesmos, assim como outros lugares que surgiram como o Espaço Caos - arte e cultura, como diz o entrevistado Rogério Araujo (NOMED):

“(…)Aí a gente fundou o “Catita Clube”. Foi em meados de 2011 ou 2012, por aí... O Daniel tinha uma casa aqui na av. Fab e lá era tipo o QG, se juntava lá, marcava pra sair na rua, foi bem assim. Acho que foi meu primeiro e último coletivo que eu participei. Depois de lá apareceu o Espaço Caos, que era um coletivo de vários grupos focados em áreas diferentes cinema e tal, e o nosso já ficou fora do graffiti, o nosso já era um mais comercial era um estúdio de design de criação(…)”  
(Rogério, 2018)

Escolhemos artistas que transitaram por esses espaços, viveram diferentes épocas, viram esses lugares independentes aparecerem e sumirem. O mesmo ocorre com o graffiti, que tem uma história flutuante, oscilando entre momentos de grande valorização e momentos de esquecimento. Essa escolha também deu-se porque nós já os conhecíamos, o que resultaria numa conversa mais natural, pois imaginamos que a posição de pesquisador às vezes é um tanto impositiva e ameaçadora e, como queríamos algo mais natural, optamos

por quem pudesse nos dar dados que viriam ser importantes sobre algumas características do graffiti local de maneira desembaraçada e flexível.

### **3- METODOLOGIA**

A pesquisa para esse trabalho teve início em 2017, a partir de levantamento bibliográfico dos temas que eram relevantes para nossa pesquisa sobre o graffiti em Macapá. Também foram elaboradas algumas perguntas para a realização da entrevista e houve uma pré-seleção de alguns entrevistados, que poderiam vir a contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do nosso trabalho.

O modelo de entrevista escolhido para esse documentário foi o da entrevista semiestruturada, com a elaboração de oito perguntas-base, mas que poderiam sofrer alterações no decorrer do processo, sem o prejuízo da pesquisa, de forma que:

“A principal vantagem de entrevista aberta e também da semiestruturada é essas duas técnicas quase sempre produzem uma melhor amostra da população de interesse. Ao contrário dos questionários enviados por correio que têm índice de evolução muito baixo, a entrevista tem um índice de respostas bem mais abrangente...” (V. Boni e S. Quaresma, 2005, 75)

Ainda sobre a escolha desta metodologia, podemos dizer que com este tipo de entrevista, poderíamos ter uma desenvoltura maior no decorrer do processo, tornando-se quase uma conversa informal, em que teríamos ampla liberdade de alterarmos o percurso pretendido. Sobre isso, Manzini (2004) fala o seguinte:

“Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.” (Manzini, 2004, p.2)

Um fator muito importante no desenvolvimento desse projeto, é o fato de estarmos inseridos também nessa cena do graffiti local, então essa é a motivação primeira de entender o próprio cenário local e de entender também a visão do outro. Isso foi de suma importância para o trabalho, uma vez que reconhecemos aí alguns dos “dinossauros do graffiti” Macapá, assim como os que estão ativos agora. Essa proximidade com os grafiteiros nos rendeu boas respostas no questionário. Tentamos fazer da forma mais natural possível, para sair como uma “conversa” entre colegas, para que os entrevistados não se sentissem intimidados com a nossa posição no momento que era de pesquisador e eles de pesquisados. Segundo Triviños :

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações. (1987<sup>3</sup>, p. 146-152 apud MANZINI, 2004, p. 2)

Apesar desta busca por deixar os entrevistados confortáveis para extrair o máximo de informação possível, acreditamos que o fato de não sermos estranhos para eles, ajudou-os a não incorporarem outro personagem que não fossem eles mesmos, pois sabemos que isso às vezes acontece, já que as pessoas usam diferentes “máscaras” para diferentes lugares. Apesar disto, buscamos ser rigorosos quanto ao nosso método, buscando sempre estarmos conscientes dos detalhes e não deixar nada escapar. Durante as entrevistas fizemos gestos de compreensão e falas positivas, que estimulam a pessoa a falar sem atrapalhar a cadência de raciocínio da mesma.

Sobre essa entrevista de modo natural, trazemos o que diz Pierre Bordieu (1999):

---

<sup>3</sup> TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

“Para se obter uma narrativa natural, muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado” (BOURDIEU, 1999).

As primeiras entrevistas foram realizadas em lugares abertos escolhidos nas proximidades do centro da cidade e outras em lugares específicos como na Casa Viva (que atualmente é um espaço cultural independente da cidade, como foram o antigo Catita Clube e o Espaço Caos ). Devido às más condições do tempo, fizemos algumas filmagens dentro do estúdio Hypnos, que é um estúdio de ilustração e tattoo dentro da própria Casa Viva.

### **3.1- PRÉ-PRODUÇÃO: levantamento de dados**

O documentário sobre graffiti surgiu dentro do Curso Licenciatura em de Artes Visuais – Unifap, a partir de inquietações já vividas no universo da arte de rua e também por observar a crescente demanda por graffiti na cidade nos últimos anos. Além disso, logo nos primeiros passos da pesquisa, nos deparamos com a questão de haver poucos trabalhos sobre o tema no Curso de Artes Visuais, já que na pesquisa bibliográfica inicial, foram encontrados apenas dois TCCs: um falando sobre pichação no Brasil (PiXação: O Grito Mudo dos Invisíveis)<sup>4</sup> e outro que falava brevemente sobre um grupo de grafiteiros chamado 100ID, que atuou de 2013 a 2014 em Macapá: Grafite em Macapá: Um Estudo de Caso do “Grupo 100ID.”<sup>5</sup>

Isso já levantava a questão de que esse tipo de produção artística, que se encontra tão presente nas ruas de Macapá, não tem a mesma representatividade dentro da universidade nas pesquisas desenvolvidas, já que

---

<sup>4</sup> PiXação: O Grito Mudo dos Invisíveis, autor: Kleverton Silva.

<sup>5</sup> Grafite em Macapá: Um Estudo de Caso do “Grupo 100ID, autoras :Elcileide Brito, Elisangela Pureza e Linete Ferreira.

nada se sabe sobre quem são essas pessoas/artistas, quais suas dificuldades e como o graffiti teve seus primeiros passos aqui.

Essa questão de não ter material necessário para a pesquisa do graffiti ou ser muito escasso, nos motivou a querer mostrar algo que pouco se tinha noção sobre a produção do graffiti na cidade. Um dos produtos da pesquisa é um documentário, um curta-doc, para termos uma memória digital e contribuir com futuras pesquisas que possam vir a ocorrer acerca do assunto, colaborando nas discussões sobre o tema.

No começo, a ideia de falar sobre o graffiti amapaense era ter algo escrito que falasse sobre essa produção artística. Porém, isso se desenvolveu e foi além de simplesmente falar sobre graffiti, mas também para que fosse possível que as pessoas conhecessem visualmente quem são os artistas que estão colorindo a cidade. Pouco se sabe sobre eles, suas dificuldades/limitações na prática de tal arte, assim, buscamos mostrar a visão de quem faz a coisa, já que também estamos inseridos na cena do graffiti local, ainda que esta seja pequena se comparada a outras capitais onde ela existe.

Então, por haver esse contato com parte desses grafiteiros, pensamos que poderíamos ter acesso a um rastro da história do surgimento do graffiti, assim como outros aspectos. Portanto, a escolha dos entrevistados, foi baseada em pessoas que poderiam nos dar uma direção sobre o aparecimento do graffiti em Macapá.

### 3.1.1- ENTREVISTADOS



Fonte: disponibilizada pelo artista, 2019

**Rogério Araújo** (NOMED), 39 anos, grafita há uns 10 anos e é Bacharel em Design pelo CEAP (Centro de Ensino Superior do Amapá). Foi um dos fundadores do Catita Clube criado em 2012. Participou da exposição individual Catita Clube, expo/Nomed33 / 2012, ganhou prêmio no Concurso de Ilustração ZUPI Erótica 2012, revista contemporânea. Foi gerente do MIS – Museu da Imagem e do Som do Amapá de 2013/2015. Foi designer e co-fundador do Studio Corsário. Trabalha atualmente como designer atuante na SEED – Secretaria de Educação do Governo do Amapá 2017/2019 & 2017/2019 e designer e co-fundador da Produtora Casa da Floresta Artes.



**Fonte :** disponibilizada pelo artista , 2019

**Anyelson da Silva Barboza** (NYL), 32 anos, natural do Pará. Mora em Macapá, é designer e professor. Fez parte da criação do coletivo 100ID, onde esteve ativo no graffiti por mais ou menos um ano.



**Fonte:** disponibilizada pelo artista, 2019

**Mikeas Alves** (Kash Power) tem 31 anos, mora em Macapá e é autônomo. Grafita já há uns 13 anos e hoje é um dos grafiteiros mais ativos da cena local.



Fonte: foto dos autores, 2019

**Samir Brito Ferreira** (NEWS), 28 anos, nasceu e mora em Macapá. Formado em Arquitetura e Urbanismo. Trabalha atualmente como Chefe da Divisão de Rede Física Escolar da Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura Municipal de Macapá. Grafita há mais ou menos uns 17 anos.



Fonte: foto dos autores, 2018

**Moara Bandeira Negreiros (MOKA)** tem 28 anos, nasceu no Acre, mas mora atualmente em Macapá. É formada em Design Gráfico, é artista visual, grafiteira e produtora cultural.



**Fonte:** disponibilizada pelo artista, 2019

**Deborah Ashley Moura Soares (NIANI).** Tem 21 anos e é natural de Macapá-AP. Reside no bairro do Beírol, cursou Design Gráfico e Produto (incompleto). Trabalha como Designer Gráfica na empresa Hyper Marketing. Grafita já há um ano mais ou menos e representa essa galera que está agora na ativa.



**Fonte:** disponibilizada pelo artista, 2019

**Bruno Barbosa Ribeiro (GAFA).** Tem 32 anos, é natural de Macapá -AP. Tem formação em Design incompleto e trabalha como artista visual. Grafita há mais ou menos uns 17 anos.



Fonte: disponibilizada pelo artista, 2019

**Eder Pimenta (Curumin).** Tem 28 anos, mora no bairro do Beiril em Macapá, de onde também é natural. Grafita desde 2014/15. Trabalha atualmente com Design Gráfico e está se formando em Licenciatura em Artes Visuais. Está presente na cena atual do Graffiti em Macapá.



Fonte: disponibilizada pelo artista, 2019

**Karinny de Magalhães Rocha Rodrigues.** Tem 24 anos, é do Amapá, mas mora em Macapá. Atualmente está cursando Publicidade e Propaganda e

trabalha com comunicação digital e audiovisual. Começou a grafitar entre 2016/17.



Fonte: disponibilizada pelo artista, 2019

**Gabriela Sousa Campelo** (Campis). Tem 22 anos e é do estado do Pará. Mora em Macapá e trabalha com graffiti. Grafita desde 2013.

### 3.2- PRODUÇÃO: entrevistas

As entrevistas foram feitas, inicialmente, de forma individual e, no final foi realizada uma entrevista coletiva com os sujeitos praticantes da atual cena do graffiti em Macapá. Por conta de estarmos na rua, começamos as entrevistas em forma de intervalos, desligando a câmera após cada pergunta, pois precisávamos economizar a bateria da mesma. Depois, percebemos que isso não funcionava, porque interrompia a conversa fluida, dificultando o fluxo da entrevista. Posteriormente, passamos a gravar numa tomada única, tornando a conversa mais natural e a supressão de perguntas que se repetiam, pois os entrevistados respondiam mais de uma pergunta na mesma resposta. Ao final, a última entrevista foi adaptada para o modo coletivo para que fosse feita com três grafiteiros de uma vez. Essa produção começou em 20 de maio

de 2018 tendo como nossa primeira entrevistada Moka (Moara Negreiros), chegando ao final de etapa no dia 3 de fevereiro de 2019 com os três últimos artistas.

A produção do material que deu origem ao documentário dividiu-se em três partes: a primeira foi a gravação dos entrevistados, sendo nove artistas no total. Esta fase levou bastante tempo já que as entrevistas eram realizadas aos domingos e dependiam da disponibilidade de cada um. A captação de imagens ficou por conta do Lucas Monte, que disponibilizou todo o seu equipamento e tempo nos finais de semana para a realização do trabalho. O transporte foi feito em grande parte pelo irmão do Danrlei, que devido a algumas dificuldades e problemas, não pôde mais acompanhar nas gravações e isso fez com que houvesse uma parada na produção, atrasando sua execução por algum tempo.



Fonte: foto dos autores (2018)



Fonte: foto dos autores (2018)

Ainda assim, depois desse tempo parado, por volta de dois meses, voltamos a gravar as últimas entrevistas e uma parte das cenas das ruas da cidade, sendo este o segundo momento na produção do documentário. As gravações das entrevistas feitas na rua tiveram uma predefinição de serem realizadas em algum ponto onde se encontrasse graffiti para ser o pano de fundo do documentário. Definimos a rota que seria mais viável para a captura das imagens dos trabalhos dos artistas e, em uma tarde, fizemos essa filmagem pelas ruas de Macapá.



Fonte: foto dos autores (2018)



Fonte: foto dos autores(2019)



Fonte:foto dos autores(2019)



Fonte: foto dos autores (2019)

O terceiro momento chega quando reunimos os artistas entrevistados em um grupo no Whatsapp e convidamos também alguns que fazem parte da cena do graffiti local para colaborarem também. Decidimos que seria interessante fazermos uma intervenção coletiva ao final das entrevistas. Esse momento deu-se primeiramente na escolha de onde seria feita essa intervenção, que ocorreu 'por acaso' pelas proximidades onde moramos<sup>6</sup>, próximo ao sambódromo de Macapá. Outro fator foi o fato do lugar se encontrar abandonado e já haver alguns graffiti no muro.

Nesse terceiro momento tivemos auxílio de transporte do Nyl, que também foi um dos entrevistados. As gravações seriam pela manhã às 8 horas e, devido às más condições do tempo, tivemos que parar várias vezes a

---

<sup>6</sup> Essa decisão foi pautada pela facilidade de produção, já que poderíamos fornecer uma logística melhor a todos os participantes.

produção. Ainda assim, todos os artistas e incluindo nós, ficamos até não ter condições para grafitar e gravar mais, por conta de uma insistente chuva. Infelizmente, uma grande parte dos graffiti foi levada pela chuva porque ainda não estavam secos. Depois de uma semana, foi remarcada a continuação do graffiti, só que nem todos tiveram disponibilidade para ir finalizar sua produções.



Fonte: foto dos autores (2019)



Fonte:foto dos autores (2019)

Nesse período de tempo, ainda tiveram mais uns momentos depois de algumas semanas em que alguns artistas se reuniram para outras intervenções em dois lugares<sup>7</sup> em Macapá, onde ocorreu a produção de novos murais e, com a captura de imagens dessas produções, finalizamos as gravações.



Fonte: foto dos autores (2019)



Fonte: foto dos autores (2019)

<sup>7</sup> O primeiro lugar foi o Muçajá e o outro foi próximo do Cemitério São José

### **3.3- EDIÇÃO: produção final**

Após o fim das filmagens das entrevistas, começamos o trabalho de decupagem do material em vídeo para iniciarmos a edição do documentário. Contamos com a ajuda do pessoal da Grafite Comunicação, André Cantuária e Jhenni Quaresma, que recentemente haviam se mudado para o bairro onde residíamos, o que facilitaria levar o material e também acompanhar de perto o processo da edição e finalização.

No primeiro encontro que houve com André Cantuária foi explicada nossa ideia inicial sem o ruído que as mensagens de texto via WhatsApp dão. Após uma longa conversa, conseguimos clarear as ideias, pois também ainda não existia a ideia para o nome, pois ainda estávamos no processo inicial de escrita do trabalho.

Num segundo momento, após a últimas filmagens da cidade e das produções dos graffiti, foi feito o retorno para entregar o restante do material das filmagens e, já com uma ideia melhor de como são os documentários de graffiti, após reassistir uns doc's sobre o mesmo.

Ainda nesse segundo momento, durante a conversa com André ficamos um bom tempo trocando ideia sobre como seria e ele nos mostrou um documentário que estava produzindo para uma pessoa da UNIFAP. O que ele queria me mostrar era o formato "bem documentário" que a pessoa optou por fazer, mas então ele sugeriu a ideia de fazer algo mais solto, fora do formato clássico de documentários, algo mais voltado para a videoarte e perguntou como era o curso com relação à isso, e logo foi dito por nós: "- é lá mesmo! o lugar mais livre..."

André contou que tinha uma ideia de usar alguns "sons" do Daniel Nec, um artista de Natal-RN que morou aqui por algum tempo, e um dos idealizadores do Catita Clube, que era a sua própria casa. Aliás, a origem do nome é justamente por sua casa ter sido um ninho de roedores "catitas nas artes", era a casa-escola dele. Os sons derivariam daí, desta casa-roedora, uns

sons meio que instrumentais, não sabemos classificar bem, mas algo que se aproxima mais do psicodélico.

Também sugeriu-se que houvesse uns rap's daqui de Macapá, assim escolhemos e pedimos algumas músicas do MC Super Shock, e uns "sons" psicodélicos de Daniel Nec, que grande parte acreditamos ter sido produzido enquanto estava aqui. Como eram músicas que já tínhamos conhecimento, logo aceitamos a ideia, sugerida por André.

Em um terceiro momento, fomos a Grafite para sentar junto com André e trazer as partes que achamos importante para o nosso trabalho. Já havíamos decidido o nome do documentário e uns dias antes fizemos a análise das entrevistas, marcando pontos ali que fossem interessantes para entrar no doc. André já havia preparado um teaser para visualizarmos, dando já pra sentir o gosto do que viria a ser o nosso curta-documentário. Após algumas horas junto com André acompanhando a edição, deu para saber que ele entendeu a nossa ideia, mas também para todo fim, deixamos anotações, com as perguntas, guia das entrevistas, e com as partes importantes destacadas.

### **3.3.1- RECURSOS UTILIZADOS**

A produção do documentário se utilizou dos seguintes recursos: no primeiro momento tínhamos duas câmeras, sendo uma do Lucas Monte e outra cedida pela orientadora Cristiana Nogueira, dois tripés e um gravador de áudio. Gravamos neste momento na casa da Moka, na caixa d'água próxima à Catedral e na Samaúma do Araxá. No segundo momento, tivemos câmera cedida pela Jami Gurjão e local de gravação na Casa Viva e Studio Hypnos. E na última parte tivemos câmera de Lucas Monte e de Nyl Barboza.

A edição e finalização ficou por conta dos profissionais atuantes na área do audiovisual aqui do estado, a dupla formada por Jhenni Quaresma (produtora audiovisual e jornalista) e André Cantuária (videomaker e jornalista) da produtora de audiovisual Grafite Comunicação.

#### 4- REFERENCIAL TEÓRICO

O graffiti é uma forma de expressão artística capaz de transmitir mensagens através de desenhos, símbolos e letras, que são elaboradas a partir de um repertório simbólico do próprio sujeito praticante, e pode ser legível para a sociedade em geral ou restrito a um pequeno grupo de grafiteiros e seus pares. Assim, o graffiti pode ser de fácil ou difícil leitura, muitas vezes com letras e desenhos distorcidos ou símbolos que por vezes são cifrados demais chegando a ser “herméticos” para as pessoas que não fazem parte dessa manifestação artística ou não estão familiarizados com ela.

A produção do graffiti se materializa nos muros, internos ou externos, públicos ou privados, com ou sem permissão e geralmente se utiliza de materiais como tinta óleo, acrílica, sprays, rolinhos, pincéis, entre outros. A arte urbana é uma produção artística contemporânea feita nos lugares externos das cidades, se utilizando de todas superfícies, até em placas de sinalização, por exemplo. É por si só uma arte transgressora, já que não respeita as fronteiras do público e do privado para se expressar. A arte urbana engloba o graffiti, o lambe-lambe, os stickers e o estêncil.

O graffiti possui várias modalidades, como o BOMB (letras arredondadas), o WILD STYLE (letras mais distorcidas uso de várias cores), o THROW UP (letras arredondadas, com forte contraste de cores, um pouco mais trabalhado que o bombing), REALISMO 3D, PIECE (obra prima, do artista), SILVER PIECE (feito com cores cromadas), o FREESTYLE (usa várias categorias, desenho, escrita, caneta, stickers, tags etc...estilo livre!), a Produção (mural feito por 2 artistas ou mais, seguindo uma mesma ideia ou tema). Tem também as TAG's (assinaturas/nomes), o PIXO (um estilo próprio de pichação, as tag's retas de SP, inspirado nas bandas de metal, que por sua vez eram inspiradas nas runas nórdicas), o Xarpi (estilo próprio de pichação do RJ) e o grapixo (uma mistura de graffiti e a estética da pichação, e também foi um momento de transição de pichadores para o graffiti). A modalidade de TAG's no Brasil ganhou apelido de pichação.

É meio contraditório separar graffiti e pichação, já que o graffiti engloba as inscrições públicas nas paredes, banheiros, escolas, ônibus, e as tantas

modalidades do graffiti se alastram tão rapidamente que chegam a borrar as fronteiras do ativismo, da publicidade, da arte e do vandalismo. Além de muitos grafiteiros continuarem como pichadores, não deixando de fazer uma coisa por conta da outra, e muitos grafiteiros confessam ter o passado de pichador, portanto as duas coisas estão intimamente ligadas.

Os graffiti, assim como toda a produção de arte urbana, geralmente são feitos por pessoas “da rua<sup>8</sup>” e pelas ruas das cidades. Tem caráter efêmero herdado da *Pop Art*, é espontâneo e sua apreciação é gratuita, já que está no espaço público. Por estar nesse espaço que é dito público, está sujeito a apreço ou a crítica pública e também à outras intervenções ou interferências no ato de fazer, já que é feito normalmente de forma precária, sem incentivo ou apoio algum.

Os graffiti não se limitam somente a tinta e muros, também vão para bueiros, esgotos como os desenhos abstratos do ZEZÃO de SP, que faz intervenção em lugares inóspitos.



Fonte: <https://www.zezoarts.com.br/subterraneo.php>

Apesar da sua interatividade inerente restrita, cabe ao espectador a opção de decidir seu nível de envolvimento, visto que muitas vezes os grafiteiros têm trabalhos espalhados por toda cidade, cabendo ao espectador decodificar esses trabalhos e temas recorrentes dos artistas:

---

<sup>8</sup> Entendemos esta expressão como pessoas que vivenciam diariamente a rua, caminhando pela cidade, experimentando as diversas possibilidades que o cotidiano urbano proporciona e se relacionando com ele não apenas através de sua produção artística.

”Desta maneira, dois processos complementares de apropriação estariam presentes: apropriação por ação/transformação por parte do grafiteiro e, também, pelo público, a apropriação por identificação: simbólica, cognitiva, afetiva e interativa” (CAVALCANTE & ELIAS, 2011 p.86.).

Mas, ao contrário do que muitos acreditam, a pichação e, conseqüentemente o graffiti, não são frutos exclusivos das sociedades modernas, como nos diz Celso Gitahy:

“A pichação não é exclusividade das sociedades atuais. Ao contrário, as paredes das cidades antigas eram tão pichadas quanto as de hoje, ou muito mais. Havia de tudo nessas pichações. A julgar pelas paredes de Pompéia, cidade vitimada pela erupção do vulcão Vesúvio em 24 de agosto de 79 d.C., e por isso preservada, predominavam xingamentos, cartazes eleitorais, anúncios, poesias, praticamente tudo se escrevia nas paredes.” (GITAHY, 1999, P. 20).

A partir do que o autor Celso Gitahy coloca, podemos afirmar que essa configuração de se escrever de tudo nas paredes não é nada nova, já que em Pompeia já havia essa prática, explicitando essa relação das pessoas com os espaços públicos. Como uma forma até mesmo de mídia, já que o próprio Império Romano divulgava suas leis nas paredes entre os transeuntes, de tudo se escrevia, como é hoje com o graffiti e as pichações modernas. Podemos dizer que essa forma de escrever, desenhar, grafar, riscar, documentar nos espaços públicos é algo inerente ao ser humano desde sempre.



Fonte: <http://portoribeiro.com/pichacoes-de-pompeia-cidade-romana-abandonada/>

Segundo Celso Gitahy (1999), já na Idade Média, os padres pichavam as paredes dos conventos de outras ordens que não lhe eram simpáticas. Depois, a pichação passou a ser feita na parede da casa da pessoa que se queria atacar, divulgando suas más qualidades. Isto, hoje dia, é chamado de Escracho<sup>9</sup>. A pichação é usada por revolucionários de todo mundo para abalar a imagem de seus governos ou divulgar seus ideais e objetivos.

O espaço público é onde ocorrem os encontros e todos os processos criativos que envolvem as relações que se tecem com a cidade. É um local por si só político, onde ocorrem as discussões, onde cristalizamos nossa visão de mundo, onde formamos nossa ideologia, através de múltiplas vivências nesse espaço dito público. Já o espaço privado é nossa vida, pessoal, íntima, porém até dentro de nossa própria casa existem espaços públicos, como a sala, o banheiro, espaços de uso comum e espaços privados, como o nosso quarto.

“A cidade excede a representação que cada um faz dela. Ela se oferece e se retrai segundo a maneira como é apreendida. Uma certa nostalgia nos parece fazer acreditar que a cidade não corresponde mais ao signo porque teria tornado excessivamente percebida graças aos símbolos de sua monumentalidade exibida. Nos centros históricos, os bairros restaurados e fachadas rebocadas com suas velhas insígnias evocam a cidade perdida, uma cidade mítica da qual não mais encontraremos, olhando ao acaso, os poucos vestígios ainda escondidos, pois foram todos recuperados. A limpeza dos monumentos, desses edifícios urbanos que representam a história da cidade e sua inscrição no tempo, não faz senão consagrar o poder de padronização patrimonial. Com tudo a proliferação dos signos em uma cidade permanece vertiginosa. Os signos se multiplicam e se fazem signos. Apesar da obsessão da restauração, uma certa desordem visual persiste e convida o cidadão a criar seus próprios modos de leitura da cidade”. (Jeudy, 2005, p. 81)

---

<sup>9</sup> “ESCRACHO: Consiste basicamente em ir até a casa de alguém que colaborou com o regime militar, como torturadores ou médicos legistas, por exemplo, e mostrar para seus vizinhos quem é, na verdade, aquela pessoa que anda tranquila, livre e impune por aí. ( Minimanual de Arte e Guerrilha Urbana, p. 26.)

O graffiti, além de expressão e afirmação dos grafiteiros, contribui numa apropriação da população para com os espaços públicos da cidade, inaugura novos sentidos para espaços dentro da cidade que antes estavam invisíveis, esquecidos. O graffiti contribui para uma nova apreensão da cidade, fora desta padronização patrimonial que nos fala Jeudy. Por vezes, mesmo por alguns segundos em que uma pessoa passa e pode observar; talvez, por esse curto espaço de tempo, as pessoas possam sair da mecânica do cotidiano que estão emergidas dentro dos centros urbanos, encontrando estes espaços de respiração da visão. Como também é dito por Nelson Brissac Peixoto, em seu livro Paisagens Urbanas, complementando de algum modo o pensamento de Jeudy:

“A função da arte é construir imagens da cidade que sejam novas, que passem a fazer parte da própria paisagem urbana. Quando parecíamos condenados às imagens uniformemente aceleradas e sem espessura, típicas da mídia atual, reinventar a localização e a permanência.” (Peixoto, 1996, p.15)



Graffiti da Azyara (dupla de grafiteiras Gabriela Campelo e Kariny de Magalhães) fonte blog espiá (<http://espiablog.blogspot.com/2018/01/gabriela-campelo-grafite-atitude-e.html>)

São vários os temas recorrentes dos graffiti assim como suas provocações à crítica e realidade consensual, críticas à cultura do consumo e propriedade privada, ao espetáculo midiático, incentivo implícito para que a população tome as ruas; diversos artistas abordam temas relativos à afirmação da identidade nacional, e da nossa cultura popular. O espaço público é nosso

e, ao mesmo tempo, não é de ninguém. Por entender e ter a sensação errônea de que não é de ninguém o espaço público, que não é uma preocupação individual, mas do 'outro', as pessoas jogam lixo nas ruas, por exemplo, esperando que este outro cate. Mas é tudo nosso, o público é de todos e todos temos que ter a consciência de coletividade em relação a ele.

O fato é que vivemos numa sociedade desigual, por onde você olhar, isso se reflete por todos os lados. Então não somos todos livres, se não há igualdade não há liberdade. A nossa moral vigente é emprestada da burguesia, que prioriza o acúmulo do privado e estimula a concorrência. Então, teoricamente e também na prática distorcida da nossa sociedade, quanto mais bens você possui, mais livre você é. A liberdade virou um produto e tudo está a seu alcance, basta você se esforçar para subir na pirâmide social.

Por esses tempos, uma onda de conservadorismo vem se instaurando, fazendo as pessoas acreditarem que estão contra uma conspiração comunista, quando na verdade temos uma sociedade altamente alienada, que abraça uma cultura de ódio e um sentimento anti-igualitário travestido de antipetismo e anti-esquerdismo, em que a ignorância virou comum e motivo de orgulho. A partir disso, segundo Henrique (2012):

“Hakim Bey acreditava que, em uma sociedade altamente controlada, a arte e o espírito criativo se confundiriam cada vez mais com a contravenção e o crime. De acordo com esse raciocínio, ser criativo é subverter toda essa ordem, Hakim Bey é considerado um “profeta” para muitos defensores da pichação. (HENRIQUE, 2012, p.20).



Fonte: foto dos autores, 2019

Uma máxima de Hakim Bey é “arte como crime, crime como arte”, mas não sejas pego! O pichador por exemplo se vê como um criminoso mas, tem de estar disposto a agir como um. Para entender melhor esse fenômeno do graffiti, não basta só estudar os sujeitos praticantes, mas também o espaço e como apreendem os espectadores.

Ainda sobre o conceito de espaço público, consideramos a definição de esfera pública de Simon Sheikh trazida pelo André Mesquita, a partir do conceito de Habermas, a que mais se aproxima do que pensamos ser este espaço da produção de graffiti, que se constitui como um campo de tensões e negociações, como pode ser visto abaixo:

“Como uma formação histórica específica e objeto de inúmeros debates, a noção de esfera pública não pressupõe um espaço singular, homogêneo e unificado, como propõe o conceito de *Öffentlichkeit* idealizado por Jürgen Habermas<sup>10</sup>. Sendo a esfera pública um campo de tensões e diferenciações, consideramos que sua formação se constitui não como uma entidade, mas por fragmentações e múltiplas formas de exclusão, contestação, e conflito, tendo seus processos de significação e de comunicação transformados conforme o contexto, o espaço e o público<sup>11</sup>. Desse modo, a esfera pública é “*um espaço de negociações, cheio de espetáculos contraditórios, signos e símbolos nunca fixos e sempre determinados por relações sociais e políticas.*”<sup>12</sup> Movimentos sociais, arte ativista e coletiva constituem e produzem novas esferas públicas, dependem de *experiências* e da organização de zonas alternativas de liberdade de expressão”. (MESQUITA, 1990 - 2000, p. 11.)

Um dos momentos em que o graffiti moderno vai eclodir é justamente na revolta dos estudantes de 1968 em Paris. O spray viabilizou com que gritos de ordem fossem rapidamente registrados nos muros da cidade. Como coloca André Mesquita, este momento foi crucial para a produção artística se transformar num instrumento de comunicação revolucionária, questionando, inclusive, a existência dos muros como elemento de divisão entre o público e privado.

“Seja ou não fruto do espírito do tempo dos anos 60, as estratégias de situação construídas pela IS<sup>10</sup> e a informalidade dos trabalhos do Fluxus inspiraram uma espécie de détournement das formas artísticas por ações coletivas e espontâneas, negando os modelos pré-estabelecidos de uma produção cultural segregada da existência humana. Mas é no milieu histórico de Maio de 1968 que o não-artista, aquele que desafia a especialização do capitalismo, vai buscar na interação e no coletivo aquilo que os artistas, segundo a IS, não alcançaram: a construção da própria vida. Na França, uma reação que parecia adormecida pelo domínio do individualismo é deflagrada com greves de dez milhões de trabalhadores ocupando as fábricas, com os (anti)estudantes da Nanterre e seu grupo inspirado pelas idéias da IS, os Enragés, e também os universitários da Sorbonne. Primeiro interrompendo palestras e aulas em suas universidades, depois ocupando com os trabalhadores as barricadas do Quartier Latin – tomadas por carros tombados e incendiados – e jogando coquetéis molotov nos militares do general Charles de Gaulle. A arte se transforma em uma ferramenta de comunicação gráfica e revolucionária que aparece nos cartazes do coletivo Atelier Populaire e em frases como “nunca trabalhe”, “o tédio é sempre contra-revolucionário” e “sejam realistas; exijam o impossível”, grafitadas anonimamente pelos Enragés. Estas intervenções conduzem os muros a uma mobilidade selvagem, “a uma instantaneidade da inscrição que equivaleria a aboli-los.” Não é à toa também que Michel de Certeau assinala que o Maio de 68 foi uma “revolução simbólica”, pelo discurso que afeta um movimento na teoria e na prática, “contestando relações históricas e sociais dadas no sentido de criar outras mais autênticas.” (MESQUITA, André, 1990 - 2000, p.86 e 87).

A cidade sendo esse espaço público tão importante de encontros, de construção de significados, de choque de diferenças e, os muros enquanto símbolo da sociedade moderna e da propriedade privada, não por acaso são também a suporte preferido dos grafiteiros, que transgridem essas fronteiras e borram os limites entre público e privado.

Aqui em Macapá ainda se vê muitos muros brancos, como se repete em muitas das falas dos entrevistados, significando uma cena ainda tímida no sentido como diz Rogério (NOMED):

---

<sup>10</sup> N.do A.: Internacional Situacionista

“Bem aqui de certa forma foi sempre um pouco tímido, comparado a outras cidades (...) não só aqui, em outros lugares tem esse problema de ter essa falta de espaço que a pessoa pode chegar e pintar o que ela quiser, tem essa coisa da autorização, de pedir autorização pra poder pintar e, assim eu vejo de forma assim tímida ainda... mas nada que, porque a gente vê por aí acontecendo, o graffiti espalhado pela cidade de certa forma tímida, mas a gente sempre vê por aí”. (Rogério, 2018)

Talvez os fatores que colaborem para a preservação desses muros brancos sejam a falta de incentivo pelo setor privado e público, falta de projetos para desconstruir esse certo preconceito que as pessoas ainda tem por ser algo novo. Com essa maior divulgação através de pesquisas advindas da universidade, como também de uma ampliação do campo de atuação dos grafiteiros locais, o graffiti teria uma maior aceitação por parte da população, que em sua maioria conserva a estética vigente dos muros brancos e “espaços consultórios”.

Como detalha Campos (2008, p.6),o espaço público remete a materialidades de autoria do estado na preservação das ideologias oficiais que são monumentos consagrados a pátria e aos seus heróis” (...).<sup>11</sup> Atualmente, avança no Brasil uma onda de conservadorismo, que se concretizou após a eleição do presidente Bolsonaro, representando uma constante involução, retomando o que há de pior em nossa história, já que temos um presidente que até elogiou um torturador. Neste sentido, o graffiti se apresenta como uma arma de resistência, como nos mostra sua própria história. O Minimanual de Arte e Guerrilha Urbana diz o seguinte:

“artista guerrilheiro urbano tem que experimentar sistematicamente, utilizando todas as linguagens artísticas que lhe pertence, nos muros, nas ruas, nos parques e espaços públicos que homenageiam torturadores e ditadores. É uma guerra de guerrilha simbólica diante de centenas de logradouros públicos que fortalecem a memória da repressão”.(2015, P. 16)

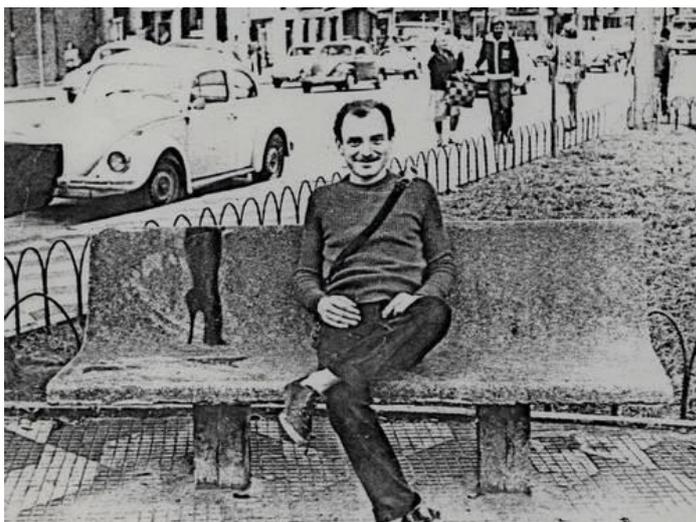
Durante a ditadura no Brasil, não ocorreu muito diferente da revolta dos estudantes em Paris, a pichação viabilizou que frases de ordem fossem

---

<sup>11</sup> CAMPOS, R. Movimentos da imagem no Graffiti. Das ruas da cidade para os circuitos digitais. Actas do VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais, Saberes e Práticas, Lisboa, n.98, 2008. Disponível em: <<http://aps.pt/vicongresso/pdfs/98.pdf>>

rapidamente registradas nas paredes. Claro que por ser proibido geralmente era feito à noite. Imaginemos jovens arriscando sua própria vida para escrever frases de efeito nas paredes: no mínimo acreditavam no poder simbólico dessa intervenção.

Após as primeiras incursões da pichação aqui no Brasil na década de 60 e 70, o graffiti vai ganhar espaço na rua de São Paulo através do artista Alex Vallauri, e uma de suas primeiras artes estampadas nas ruas foi o estêncil da bota e muito outro vieram de pois. Além disso, com o contato e experiência fora do Brasil, logo o estêncil simples se tornou mais elaborado e junto com Carlos Matuck que tinha uma afinidade pelas mesmas referências passaram a produzir justos desde dos personagens dos quadrinho ao universo do cinematográfico como: O Gordo e o Magro.



Fonte: <http://besidecolors.com/alex-vallauri/>

E apesar do seu curto tempo de produção dentro do graffiti dia 27 de maio de 1987, um dia após sua morte se comemora o dia nacional do graffiti em sua homenagem. E também tendo como grande importância para trajetória do graffiti no Brasil, além de Vallauri foi “Tupinãodá” primeiro coletivo de graffiti de São Paulo.

Podemos perceber que o graffiti tem uma grande potencialidade, não só pelo fato de ser uma manifestação artística, mas por ser feito em espaço público, o que implica em diversos fatores tanto no modo de fazer quanto nos modos de ver. Ele intervém intencionalmente no cotidiano dos centros urbanos, e reclama por novos sentidos, discute, crítica a propriedade privada, afirma a cultura local.

Ele tem sua importância dentro da cidade e, isso se nota pelas nossas experiências dentro desse universo da arte urbana. Quando há uma produção, seja ela num lugar mais visível ou não, logo pessoas passam para tirar foto, e nos interpelam na rua sobre o motivo da intervenção, se fazemos de graça ou cobramos pelos trabalhos, além de sempre quererem que façamos em suas residências, convites para palestras, oficinas em escolas e, assim também surgem os trabalhos comerciais. Além disso, até o poder público entende que esses muros grafitados agregam valor aos lugares, tanto é que em 2018 foi lançado um edital dentro do estado para grafitar os muros das subestações de energia da CEA (Companhia de Eletricidade do Amapá), que na época estava sofrendo processo de privatização. Infelizmente, não realizaram o projeto que poderia dar grande visibilidade para o graffiti local. Sabemos que a última etapa de um projeto é divulgar edital público, pois isto representa responsabilidade com a sociedade. Mesmo assim, isso é um indício que algumas instituições começam a entender o poder de transformação dessa arte.

As intervenções de graffiti na cidade se fazem perceptíveis logo em sua ação, olhares curiosos que o graffiti atrai durante a produção e também depois dela, ainda que na maior parte dos casos seu tempo de permanência seja breve, as pessoas param e olham. Às vezes basta esse momento:

“ ...O momento do olhar deambulatório, do olhar desocupado, pronto a captar aquilo que não vê normalmente, prefigura a possibilidade de apreensão do espaço e do tempo, sua concordância ideal no movimento de aparecimento e desaparecimento, esse movimento ao longo do qual qualquer pessoa se coloca numa postura de “sentir” sua cidade...(Jeudy,2005, p.91)

Com base nas nossas andanças dentro do graffiti e das entrevistas que foram feitas, nota-se que o graffiti tem seus ciclos de valorização e também de

ostracismo. Assim como os espaços culturais independentes que surgem e desaparecem, como se nota na fala do entrevistado Nyl Barbosa:

“...Isso dificulta o crescimento, né? Coletivos surgem e depois param, criam-se grupos e depois se desfaz.. Eu acho que também isso envolve a idade, sei lá, porque a galera começa na vibe, aí passa um ano, dois anos aí quando começa a tramar, começa a sair também”. (Nyl Barbosa, 2019)

Os relatos dos entrevistados apontam para dois pontos que podem ser cruciais para que haja ou não um “boom” na produção: um dos pontos seria a dificuldade de adquirir material para produção de graffiti, uma vez que não se tem lojas especializadas para venda de tal material. Sendo que nas que ainda vendem ou que vendiam, os valores são bem acima da média. Se for pensar, um artista não usa apenas uma lata em sua produção, ou seja, isso acaba se tornando uma barreira nas intervenções de médio e grande porte. Por exemplo: um grafiteiro vai usar quatro latas, vai ter que gastar quase cem reais somente com os sprays, fora os outros materiais necessários para uma produção profissional, como fitas, latas de tintas, corantes, rolos, pincéis, material de proteção, suportes... Outro ponto é a falta de incentivo pelo poder público e privado que, apesar de ter lançado um edital em 2018, não foi pra frente por uma série de fatores burocráticos, como a mudança de diretores da CEA, mesmo que isso represente uma certa percepção de interesse e valorização da potencialidade que possui o graffiti, como apontamos anteriormente.

As oficinas têm sua importância dentro do graffiti, sejam elas feitas nas escolas e universidades ou fora desses ambientes. Ela é a ponte que faz o primeiro contato direto com a prática dessa arte, proporcionando aprendizado de técnicas e estilos diferentes dentro do graffiti, além de também despertar o senso criativo daquele aluno/pessoa que muitas vezes não tem oportunidades, como revela nosso entrevistado Rogério (NOMED):

“De certa forma tem um impacto social né, por exemplo uma amiga nossa Chiara estava com um projeto que era até tema do tcc dela o “Baixada Vive”. Tipo a gente foi, ensinou as crianças sobre graffiti, como pintar, apresentou pra elas a lata de spray, algumas nunca viram na vida uma lata de spray, a não ser por internet ou televisão. Aí tiveram essa oportunidade

de ver de perto e o que é melhor ainda que é praticar... a gente viu a empolgação né das crianças, algumas abaixo de 10 anos de certa forma tem esse impacto, né? Transforma a vida de pessoas, muita gente tá no graffiti por causa de atitudes dessa, de ser apresentado de ter um contato maior, e ver que não é como a grande maioria pensa que é CRIME, graffiti não é isso, não é crime, é ARTE". (Rogégio,2018)

Uma das primeiras oficinas feitas em escola foi desenvolvida a convite de uma professora de Artes Visuais na Escola Estadual Gabriel de Almeida Café ao coletivo 100ID. Muitos dos que participaram desta oficina, fazem parte da nossa pesquisa, compondo a cena de graffiti atual. Uma turma tida como a "pior turma do 2º ano" na época<sup>12</sup>.



Fonte: foto dos autores, 2014

Nesse momento se observou como a oficina se fez produtiva e como cada aluno realmente envolveu-se na produção desse mural ao lado da escola que até hoje existe, ainda que desgastado pelo tempo que essa oficina ocorreu, pois foi no ano de 2014.

Com base nessas experiências de oficinas de graffiti, em escolas públicas, e ao longo de nossas vivências nesse universo da arte urbana, podemos constatar mais uma vez o poder de transformação do graffiti, principalmente em áreas onde o poder público não alcança.

---

<sup>12</sup> Sobre esta relação entre o que é considerada um turma ou um aluno ruim e as possibilidades da prática artística, ver <https://fernandohermogenes.blogspot.com/2016/09/homenagem-ao-alunx-ruim.html>

Outro ponto importante foi, o projeto “Performance no Pátio | Escola Ampliada”, do grupo de pesquisa Coletivo Tensoativo, realizado no Centro de Experimentação Artística e Cultural Encantos dos Alagados. Em meio a uma ponte no bairro do Muca, em Macapá-AP, tem um senhor que se chama Romário e que transformou parte de sua casa em um ponto cultural com biblioteca e espaço para atividades, um pátio, em que são tecidas as relações com as crianças, jovens e adultos habitantes do espaço.

Durante o projeto, tivemos a oportunidade de participar por três meses e facilitar duas oficinas, sendo uma de lambe-lambe<sup>13</sup> e outra de estêncil<sup>14</sup>, em que usamos as cercas das casas e parede do próprio espaço do encanto dos alagados de suporte. Ainda levamos quatro latas de spray para que as crianças tivessem um contato com parte desse universo que é o graffiti e, logo se notou como uma simples lata de spray pode encantar qualquer pessoa, seja uma criança ou não, como se percebeu em outras oficinas ministradas.



**Fonte:** foto dos autores ,2018

Durante esse período de tempo em que atuamos no Encanto dos Alagados, vimos a própria comunidade se juntando e restaurando as passarelas que estavam deterioradas. E o que isso quer dizer? O que isso

---

<sup>13</sup> lambe-lambe consiste em colar cartazes em superfícies diversas com cola

<sup>14</sup> o estêncil é a matriz vazada, como desenhos feitos a partir de corte, em uma chapa de raio-x por exemplo. Usa-se spray para pintar o desenho na superfície escolhida através da matriz vazada

representa de fato? Que, mesmo nas necessidades mais básicas, o poder público não alcança essas pessoas, pois elas mesmas dividiram entre si a tarefa de comprar e restaurar a ponte. Então um projeto como do Romário (Encanto dos Alagados) e do pessoal do Coletivo Tensoativo (Performance no Pátio | Escola Ampliada) é algo com uma potencialidade enorme, podendo incentivar a produção de arte e cultura, valorizando os saberes locais, mesmo em um contexto onde não se tem nem o básico! E também sair um pouco da nossa “masturbação acadêmica” e ir para a prática num lugar fora da realidade de muitos de nós.

A arte urbana nas periferias tem a possibilidade de criar ali um futuro grafiteiro, pois muitos grafiteiros entram para esse universo através de oficinas. Ser apresentado a essa arte pode talvez modificar a vida de um jovem que se encontra ali em vulnerabilidade social, cercado talvez pelo crime e tráfico de drogas, não muito diferente de como faz o rap, o hip hop, pois fazem parte do mesmo universo da arte que surge das periferias e dos guetos, e trazem consigo a resistência dessas pessoas que ali tem suas vivências.

Desta forma é visível a possibilidade que as oficinas de graffiti abrem, e ver que cada vez mais professores trazem essa linguagem para dentro das escolas através de oficinas. É notório como as pessoas gostam e se identificam com essa linguagem e, claro, se deslumbram com as possibilidades que essa forma de expressão artística permite.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente trabalho, que se divide em memorial e documentário, busca valorizar a importância do graffiti e colaborar na construção de uma memória do graffiti em Macapá, já que são raros ainda os estudos sobre esse assunto na cidade, e com as entrevistas tentamos resgatar pela oralidade a história do surgimento do graffiti.

O graffiti é objeto de estudo por diversas áreas do conhecimento, tais como letras, sociologia, filosofia, psicologia, jornalismo e artes, um fenômeno que vem conquistando e cedendo espaços dentro dos centros urbanos. Sua potencialidade em contribuir para a apropriação do espaço público pelos cidadãos é notória, já que o graffiti intervêm de modo intencional e transgride a moral pública vigente, ignorando as fronteiras do privado e do público.

Apesar do graffiti estar ganhando cada vez mais espaço no estado, por meio de oficinas em escolas, intervenções com incentivo privado, editais, ainda tem-se uma carência muito grande com relação a material para sua produção, visto que aqui só há comercialização de uma marca de tinta e, como a produção diminui consideravelmente, eles estão parando de vender, prejudicando a criação de novos trabalhos.

Nesta breve pesquisa, se fez presente, de modo recorrente, na fala dos entrevistados, como a produção do graffiti tem se tornado difícil com esta limitação de material e a falta de incentivo, porém nem por isso os artistas deixam de produzir seus trabalhos, adaptando-se à realidade e mudando a forma de ver a cidade através de suas intervenções. Ainda que o graffiti em Macapá tenha seu “boom” dessas idas e vindas, a qualidade dos “rabiscos” só aumenta. O estado tem grafiteiros de grande importância e que são referências para essa nova geração de artistas que estão surgindo. Com este trabalho buscamos mostrar a importância do graffiti, assim como incentivar os artistas a persistirem em intervir na cidade, deixando-a cada vez mais colorida e criando espaços de “respiração” dentro da cidade. Acreditamos no poder que tem o graffiti ao transformar e se apropriar dos espaços, de transformação das pessoas tanto do espectador quanto o sujeito praticante.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Alexandre Mourão.VENICIUS, Marcos Lima Martins e KÉSIA, Sabrina de Araújo Soares. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015

AVILA, Gabriela, GATINHO, Wellington. Quem tem mais direito de ir e vir? Conflito social na Avenida do Mônaco. Academia Edu, 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/34009591/Os\\_desafios\\_de\\_inclus%C3%A3o\\_social\\_entre\\_a\\_cidade\\_e\\_o\\_edif%C3%ADcio\\_na\\_cidade\\_de\\_Macap%C3%A1](https://www.academia.edu/34009591/Os_desafios_de_inclus%C3%A3o_social_entre_a_cidade_e_o_edif%C3%ADcio_na_cidade_de_Macap%C3%A1)>, <[http://www2.unifap.br/arquitetura/files/2018/10/Gabriela-Avila\\_-\\_Wellington-Gatinho\\_-\\_VII-SAU.pdf](http://www2.unifap.br/arquitetura/files/2018/10/Gabriela-Avila_-_Wellington-Gatinho_-_VII-SAU.pdf)>. Acesso em 15, junho de 2019.

BONI, Valdete, JUREMA, Sílvia. Em Tese, 2019. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 16, Junho. de 2019.

CAVALCANTE, S.; ELIAS, T.F. Apropriação. In: CAVALCANTE, S. & ELALI., G. (Orgs.). Temas básicos em psicologia ambiental. Petrópolis: Vozes, 2011.

JEUDY, Henri-Pierre. Espelho das cidades. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p. 81 – 91

JAYME, Andréia, MARIA, Daginete e MARÍLIA, Giselly. Geoamazonia. O processo de verticalização urbana em Macapá/ THE URBAN VERTICALIZATION IN MACAPÁ/AP, 2016. Disponível em: <<http://www.geoamazonia.net/index.php/revista/article/view/125>> . Acesso em: 15, junho 2019.

GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MESQUITA, André Luiz. INSURGÊNCIAS POÉTICAS Arte Ativista e Ação Coletiva (1990-2000). São Paulo 2008.

POATO, S.; RIBEIRO, B.;GITAHY, C.; ESTRELLA, G.; JANDIRA, I.; SCHUMAN, R.; TINHO. O Graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil: estéticas e estilos. São Paulo, 2006.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. São Paulo: SENAC: Marca D'Água,1996

MANZINI, E. J. Entrevista semi estruturada: Análise de objetivos e de roteiros. Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. 2012.

HERMÓGENES, Fernando. HOMENAGEM AO ALUNX RUIM. 2016.Disponível em: <https://fernandohermogenes.blogspot.com/2016/09/homenagem-ao-alunx-ruim.html>

HENRIQUE, Luis Pereira Nascimento. Pixação, a arte por cima do muro. Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia, Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, campus de Campinas. Campinas: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

## ANEXOS





Também surgiu com incentivo da primeira.

ANEXO II – Trabalhos dos artistas

**Moara Bandeira Negreiros (MOKA)**



Fonte: disponibilizada pelo artista, 2018.



Fonte: disponibilizada pelo artista, 2018.



Fonte: disponibilizada pelo artista, 2018.

Samir Brito Ferreira( NEWS )



Fonte: brito (2014)



Fonte: Brito (2013)

**Bruno Barbosa Ribeiro (GAFA)**



Fonte: Brito (2014)



Fonte: Foto disponibilizada pelo artista (2018)



Fonte: Foto disponibilizada pelo artista (2017)

**Rogério Araújo ( NOME D)**



**Fonte:** disponibilizada pelo artista (2014)



**Fonte:** disponibilizada pelo artista (2016)



Fonte: disponibilizada pelo artista (2014)



Fonte: disponibilizada pelo artista (2015)

### Eder Pimenta ( Curumin)



Fonte: Brito (2019)

**Mikeas Alves**( Kash power )



**Fonte:** Brito (2013)



**Fonte:** disponibilizada pelo artista (2019)

Deborah Ashley Moura Soares( NIANI )



Fonte: disponibilizada pelo artista (2019)



Fonte: disponibilizada pelo artista (2019)



Fonte: disponibilizada pelo artista (2019)

**Gabriela Campelo (CAMPIS)**



Fonte: disponibilizado pelo artista (2019)



Fonte: disponibilizado pelo artista (2019)



Fonte: disponibilizado pelo artista (2018)

**Karinny**



**Fonte:** disponibilizado pelo artista (2017)

### ANEXO III – Bastidores



Fonte:foto dos autores (2018)



Fonte: foto dos autores (2018)



Fonte: foto dos autores(2018)



Fonte: foto dos autores (2018)



Fonte:foto dos autores (2019)



Fonte: foto dos autores (2019)



Fonte: foto dos autores (2019)



Fonte: Foto dos autores (2019)



Fonte: foto dos autores (2019)



Fonte: foto dos autores (2019)



Fonte: foto dos autores (2019)



Fonte: foto dos autores (2019) – Campis, Ramones, Saturno, Eder, Deejeta.



Fonte: foto dos autores (Saturno (Danrlei), Ramones ( Brito), Lucas , (2019)

#### ANEXOS IV – Roteiro para entrevistas

1. Qual foi o seu primeiro contato com o graffiti? e quando começou a grafitar?
2. Quando foi que percebeu o grafite na cidade de Macapá?
3. Qual foi suas principais referências de graffiti dentro e fora de Macapá?
4. Havia algum coletivo quando começou ?e quais coletivos você participou?
5. Atualmente quais grafiteiros são ativos na área?
6. Como você ver o graffiti de Macapá se comparada com outras cidades
7. Quais as maiores dificuldades de se praticar o graffiti na cidade?
8. Qual sua opinião sobre o potencial de intervenção do graffiti?

## ANEXOS V – Entrevistados

### **Decupagem - Entrevista: Anyelson Barboza (NYL)**

1\_Ao primeiro contato eu acho ,contato visual né ,nos anos 1999 e 2000 quando grafitaram muro da escola, lá fazer ensino fundamental na época e aí eu lembro de ver bem próximo assim ,não só por tv palpável poder olhar de próximo fiquei fascinada de ver o trabalho da galera na época. depois de um tempo vem saber quem foi fez , esse foi o primeiro contato mais físico,mais próximo .

2\_Nessa época eu não sabia o que era grafite sabia que tinha feito uma pintura lá, eu sabia eu era uma pintura diferenciada mas não grafite ,que eu e aí eu acho que depois de quando comecei a me envolver mais no underground Eu acho que já para 2002 aí e aí comecei a ver é uma andar mais no centro da cidade, isso era la na zona norte mas também foi meio raridade a gente via muito no centro e isso foi meio que uma raridade .2002 que eu comecei a ver ver como grafite mesmo e ver no centro da cidade já uma galera, uns muros pintados.

3\_fora e tal eu comecei a pegada do Benksy que você né vi a pegada dele utilização de estencil e acho que foi aí que eu fiquei assim :”caramba” massa dá para uma galera fazer e não precisa muitas técnicas, meter a cara e fazer .E aí depois comecei a pesquisar um galera nacional como os clássicos o crânio e gêmeos eu acho que são os mais ,assim como o cobra hoje eu acho um trabalho bacana e daqui de Macapá Eu acho que o trabalho do gafa e do Ramones também. cara eu não lembro de coletivo comecei a fazer um estecil não lembro que tinha coletivo assim, mas eu acho que devia ter só não lembro de nome

4\_o olha atualmente a galera ativa acho que ano passado eu vi uma galerinha acho que do Luiz lá com galerinha lá do que anda com ele que cola

no Rap, mas não vejo mais esses tempos agora não tô vendo uma galera muito ativa mas eu vejo esporadicamente mas essa galera assim .

5\_cara Grafite em Macapá ele é engraçado por conta de que ele tem ,eu não sei se os outros estilos dentro do Underground também ,mas ele tem os movimentos cíclicos, lembre quando tive contato mais mais a fundo mesmo época de 2012 galera do 100ID eu lembro que deu boom começou a parecer mais trampo e conseqüentemente a galera que tava parada começou a produzir também e isso deu um movimento e aí deu meio um boom ,ia só que aí depois parou e aí atualmente eu lembro de um tempo para cá a galera começou a produzir trabalhos mais comercial e começou aparecer de novo grafite em alta e tal mas aí também deu uma sumida aí agora como eu falei o Luiz tava como uma galerinha que tinha formado uma Crew mais uma galera muito ligado ao rap começou também de novo só que atualmente eu já vejo e não sei se é período de chuva que a galera para, agora a galera já deu uma sumida de novo nos trampo, é meio que altos e baixo então é Isso dificulta o crescimento né coletivos surgem e depois param, criam se grupos e depois se desfazas, eu acho que também isso envolve a idade sei lá porque a galera começa na viber aí passa um ano dois anos aí quando começa a trampa e começar a sair também. E aí meio que não tem movimento ,não tem muita evento da área assim é difícil Crescer porque não tem uma movimentação aí fica esse momento cíclico dá uma crescida e depois some, crescida e some o movimento .

6\_cara aqui dentro Eu acho que não, não por mim né porque nunca não pegada bem menos comercial mas a galera que eu vejo É mais eu acho que a questão de incentivo mesmo,isso que eu comentei antes a galera tem que trampo e muitas vezes o trampo não essa área de das Artes é meio complicado se manter ,eu acho que isso acaba influenciando assim, por ser uma cidade pequena ainda é bem marginalizada e aí não tem incentivo tem poucas lojas e pouca poucas empresas patrocina esse tipo de evento, está aí porque a gente também tenta envolver montar projetos e tal para fazer com que cresça e crie escola e também que crie movimentos para que uma galera querendo produzir .Então acho que uma das dificuldade maior essa questão

de incentivo e acho que nem tanto de material e assim mais de incentivo mesmo ,marcar pessoas querendo produzir, que formem grupo é que incentive mais pessoas a fazer .

7\_então, claro Macapá para mim é um potencial gigantesco é uma cidade que ela é uma cidade humanizada dental se a gente for pegar e comparar o grafite tem muita coisa NE, não vou nem comparar as gringas, vou comparar com a nacional , vou pegar são Paulo né que é referência que tem muita coisa é uma cidade quase que nem pouca humanizada assim, lógico Periferia sempre uma humanização maior galera se conhece, mais centro de São Paulo onde a galera mete o doido mesmo não tem nenhum depois de humanização. Caramba e aqui não é uma cidade que a galera embora seja pequena e tenha esse preconceito com esse tipo de arte que é mais nova , mas é uma cidade que mais humanizado, uma cidade que tu ver que as pessoas tem um cuidado de pintar a casa dela de uma cor janela de outra . então eu acho que o grafite tem um potencial da porra\* e a questão da verticalização também ,agora que está iniciando antes era não uma cidade tinha muita cerca agora que tá surgindo muito muro até no centro da cidade encontra cerca. Então eu acho que tem o potencial em quanto de espaço fazer, tem o potencial de ter uma galera cada vez mais nos cursos também da área de artes, faz uma galera aí para essa área e tem uma gama de profissionais uma gama de artista surgindo também aí ,muito boa e essa cidade como eu falando ,ela tá verticalizando ta ficando mais urbanizada mais ou menos tem que torna-se uma cidade bem humanizado .Então acho que isso contribui para que a galera tenha uma aceitação maior sem falar no ápice de tudo que eu acho que é digital né ,a gente vivendo nesse momento digital onde o cara tem um prédio aqui ,tem uma marca aqui ele ver uma referência e ver que a marca da franquía dele ou a marca da franquía dele ta fazendo fora ta aqui, e os próprios artistas veem que tem marca fora patrocinando que talvez poderia ter aqui em Macapá. E aí eu acho que isso também é uma desincentivo e falta meio que unir essas três turmas aí sociedade civil, profissionais da área artistas e os empresários ou a área comercial que vai financiar essa pegada .

hoje em dia não é porque eu não me conhecia bem né ,mas hoje meu perfil é bem esse de criar grupo gerenciar e ser meio que o gesto, engraçado e

aí eu acho que minha participação foi bem, de pelo menos na época né, não sei se vingou muito ,mas para alguma galera eu acho que deu certo quero mais a ideia de incentivar a galera a produzir ver que talvez que dava para ganhar grana com Arte aqui em Macapá e não to falando só de Artes como o grafite mais desenho em si, dá para talvez não dê para se manter ,mas dá para tirar uma grana para manter os materiais e também a galera entender que não é um estilo só acho que na época era um grupo bem diverso assim ,diversos cabeças e tal e a intenção era fazer com que a galera entendesse a importância dessa união e acho que é a participação foi no sentido de organizar e tomar frente tentar fazer alguns vínculos comerciais né ,também essa questão mais de tentar divulgar.

### **Decupagem - Entrevista: Samir Ferreira (NEWS)**

1\_Pô meu contato que eu me lembro assim, começar a ver grafite era quando eu era moleque alguns e aliás eu tinha contato com o pixo, pixação na época nos anos 90 lá na zona norte não só na zona norte na verdade que eu morava lá não e tinha Acesso aqui para o centro que é muita gangue disputa de gangue A galera pixava e achava bacana aquela porra la pixo aí eu cheguei pixar quando eu era adolescente a gente pegava tipo tinta que a gente tomava de vizinho ,quando o coroa de casa o meu pai pintava a casa eu pegava a tinta e saia riscando o spray que tinha uma parada às vezes que a gente pegava o resto de lata de spray que os caras usavam pintar bicicleta de oficina a gente usar para pixar. Esse foi a primeira prévia na verdade, primeiro contato parecido com o grafite que eu tive foi meado de 2002 caminhando 2002 por aí, que a gente riscava na rua só que La pelo bairro ,aí eu me lembro foi em 2005 eu tinha me inspirado muito e achava firme o trampo de alguns grafiteiros aqui de Macapá mais antigos tipo: José Ramos (Jojo),Agster,Bigo assistir o bigo e tinha um trampo também aqui Chegou a chamar bastante atenção da galera eu todo mundo achava interessante ali na frente do GM por volta de 97/98 que teve uma parada aqui que veio um grafiteiro de fora de São Paulo eu ainda era iniciante mas depois ele teve uma

ascensão legal que foi o Espirro ,aí como eu com os 14 anos nasci em 2005 entrei no Portinari e comecei a ter contato para começar a desenhar pegava e desenhar um pouco ,e na época eu conheceu mano que me informou que tava rolando um barato lá no GM que a oficina de Grafite,eu desenhava era afim cheguei lá, na verdade não era bem oficina era só um espaço que a galera dançava assim e tinha uma sala de dança aí tinha uma divisória feita de compensado perguntei com era eu rolava a oficina se quiser arruma tinta e pinta aí. E na época eu já conhecia os caras com quem eu já comecei a rodar que foi Osso ,o grilo depois disso em 6 ou 7 meses depois conheci o Kash a gente ia para lá mas p\*\*\*\* é moleque adolescente dinheiro que eu pegava era pouco não dá para comprar material e o material que a gente usava era de improvisado pintava com esmalte sintético de pintar móveis, ai o que a gente fazia e chegou a pintar também com massa corrida a gente ferver a massa corrida deixava decanta pegar a bisnaga que roubava de construção, tipos acaba que tava rolando a reforma aqui na época 2005/2006 teve uma reforma que ali na Psiquiatria a via que o cara que tava pintando la em cima era o Raul que rodava lá no bairro sabia que ele era noiado pacaralho ele roubava tinta. Então sempre que eu vi o Raul pintando eu ia olhar no lixo para saber que ele estava roubando tinta aí te pegar roubava tinta que tava no lixeiro que ele jogava para poder levar depois . daí começou a fazer o rolê na rua só que Osso e o Grilo já fazia eu era o novato isso em 2005 no final 2005 inicio de 2006 a gente saia para fazer o rolê de bomba bem fuleirão não tinha muito apelo artístico na época é só para chapar marcar espaço a gente não tinha muito material nem muita técnica ,ninguém ensinou para a gente a gente foi aprendendo na doida, via revista a revista grafite nem sei se ainda existe espirou a gente pra coralho, vamos tenta fazer igual e aí eu rodei do final 2005 entre final 2005 e o inicio de 2006 até 2010 ai dou uma parada ,vida pessoal aí 2013 eu cheguei a grafitar o tipo como eu fiz uma tela que o Gafa me chamou pra pintar na lateral do GM ele foi só para me ajudar pintar uma tela também lá no Caos não conhecia eu ficava lá no não fazia a parte de vez em quando chamava pra fazer alguma tela ou evento a gente entrou para lá .cheguei até contato com o coletivo sem ID tava com NY,I Ramones ,gafa ,kash mas não cheguei a participar colava junto mais nunca tive muito interessada na minha fita era mais anárquica entendeu,

aí eu fiquei Acho que de 2013 ate 2016 na ativa aí de vez em quando faço alguns rabiscos mas lá em casa mas fechado entendeu.

2\_perceber ,perceber mesmo tipo falei aquele grafite que eu falei do GM que fica ali na FAB acho que 97/98 eu era garoto e também lá no bairro entre 98/99 lá no Jardim zona norte eu vi uns tempos do Argter foi quando comecei a perceber aí depois eu tiver oportunidade de conhecer a galera da antiga que me contaram muitas histórias que rolava aqui ,o trampo aqui em Macapá ,foi por aí 97/98 garotinho .

3\_interno o finado Argter(gol), Josiel, Bibo, Sap-sap aqui de Macapá, a nível Nacional Binho Ribeiro2 ,os gémeos nunca troquei naquela pegada, o trampo da denija também tipo da Gringa mais o Quentw\* tem o Kash que tem a pegada de querer fazer no mesmo estilo e minha maior referencia quando to na ativa é Quentw grafiteiro norte-americano .

4\_cara não,fiquei sabendo que tipo de contato com a galera esse pessoal que fazia trampo Josiel para que eles tinham um grupo em si mais na era exatamente uma Crew ou coletivo com essa configuração era mais uma galera que se reunir para fazer trampo ,aí tipo Colégio o diretor chamava pagava X para fazer uma tela , os caras trabalhavam com Arte mas por fora não era com grafite. Agora quando a gente começou na verdade mano , quem pintava aqui era Osso ,o grilo aí chegou o Cotonete que tinha se afastado da galera e Minon foi embora para Manaus e quem tava aqui em Macapá quando comecei era grilos e Osso eu eles tinham a ICP nome feio da p\*\*\*\* foi o osso que criou que era ilusão criativa Popular crew era o osso e o grilo ai eu entrei só nós três uns seis sete meses depois entrou kash eu acho que coletivo ou crew que eu participei mesmo foi só, depois eu colava com pessoal às vezes fazer uma tela aqui e acolá mas só participei desse mesmo o ICP .

5\_não conheço todos Cara eu tenho contato veja sem as tag de alguns tipo o Yasai(curumim), Ashley, Gabi Campelo também tá o pessoal da asyara o Kash de vez em quando faz uns trampos também ,o Zion(Luiz) faz um tempo

que eu não vi, mas ainda vejo o trampo dele pela Rua Luiz naquele que é do rap eu não estou diretamente estão na ativa assim mas eu saco o trampo dessa galera aí, trampo bom os caras trampam bem, tão evoluído legal acho bacana como falei quando a gente começou a pegar não tinha nenhuma pelo artista é só chegar e chapar, pegar e fazer grandão o bagulho quanto maior melhor eu acho foda essa galera tá começando pelo menos aquela pegada assim tem mais cuidado em fazer algo mais laborado ,mas trabalhado trabalhar com cores e formas e tem a vantagem também que não teve ninguém passou ou ensinou a gente fazer aquela porra, a gente foi fazendo na doida pegava às vezes tipo revista velha, recorte assistir alguma m\*\*\*\* algum vídeo na época a internet mas a gente assistir a galera já teve mais referências pô, tipo direto a galera que tá agora na cena tem mais referência agora não so da galera mais antigo , mas mídia eu até brinco grafite em Macapá antes e depois de Malhação tem um divisor de águas o c\*\*\*\*\* porque até quando a gente pintava mano eu achei engraçado pinta tudo maior cabreiro passava maluco já chegava a gente f\*\*\*\*\* para frente, passava a policia a gente tinha eu sair voado cheguei umas duas vezes ter fica com policial uma na Floriano outra vez aqui no zerão teve que jogar lá por cima do muro . lembrei de uma parada que rolou em 2013 fizeram o grafite do muro da unifap, pintando junto com gafa passou um cara parou seu carro aí ele botou o celular e foi filmando eu peguei e virei para já Escondendo a cara, ai ele “muito bom não sei quê” pô mana é graças cadê o cuzão, Marginal,pixador f\*\*\*\*\*ta. Hoje tem uma aceitação um tanto maior agora isso devido a mídia divulgação agora, principalmente redes sociais tipo Facebook, Instagram teve essa parada também aí tipo rede Globo tá na moda ser favela .

6\_no iniciar ,o grafite de Macapá tem um bom potencial mas ainda tá começando, a parada que rola muito não só com grafite a galera do Bord , do skate, da BMX tá rolando agora o strite da velharia uma galera que andar de skate parou voltou, o grafite rola parecido também rola tipo nichos uns boows(uns picos) pá a galera começou a pintar aqui vai pra frente pinta 1 mês 2, 3 e para por questões pessoais financeiros ou a situação que iria comentar agora que ,tipo eu não vejo ninguém incluindo a eu mesmo que considere o grafite como um estilo de vida é mais um hobby tenho gente que trampa

Também mas o grafite de rua usa como Hobby . já a banca que conheci de fora espaeci \* agora pessoal tá mais velha mas era um estilo de vida dos cara, tem o de DC de Brasília a banca de são Paulo também que eu curti o trampo não tive contato direto mas olhava assim direto pelo o Instagram dos cara, pô tipo toda semana é 1,3 trampo aqui mesmo Quando saia para pintar ,o rolê com a gente nós que nos consideramos na ativa mesmo era um por mês ou um cada dois meses. A galera da Esk, da vírus crew também eu é de Belém cospe tinta galera sai no viradão era duas vezes na semana não ia fazer um trampo grande mas pelo menos um Bomb para chapar e fazer, moleque andava com canetão não podia passar na parada de ônibus e riscar tu não vai fazer um grafite mais vai deixar a marca ,a galera vive p\*\*\*\* a gente tinha essa pegar também só que não era a mesma ,cara tipo 3, 4 caros aí eu penso essa molecada vai chorar, vai bota fudendo mais do que a gente, ainda não ,espero que tenha a pegada também e vá .e eu acho que é mais uma questão tipo dificuldade relacionadas à aquisição de material custo e empenho da galera. Sobre dificuldades também o valor de material pesa é muito alto e acesso por exemplo a gente não tem acesso a mais de uma marca de spray , não que seja ruim , mas a gente não tem um comparativo com Cobra, Montana se tu quiser ter isso vai ter que pedir de fora vai ser caro para cacete ,algum truta teu que viajou o bico de spray sai caro to compra no grafite Shopping até aqui em Belém tá tento tem parece dois agora eu comprei em são Paulo tipo bico de spray sai 1,50 quando tu traz pra cá sai 3 ou 4 conto com o frete ou o cara vai cobrar em cima, a gente tem dificuldade de acesso ,acesso ao material custo ,empenho mais ou menos a parte do empenho da galera e não é falta de tela, tela tem para c\*\*\*\*\* grafiteiro acha a tela. escutar uma parada aqui a gora Macapá tá se verticalizando agora e tá surgindo os muros” não ,a gente pintou na Lagoa dos Índios em Manilha lá embaixo por grafiteiros sempre arruma tela .como falei Contagem eu posso ta fazendo aparecer hipócrita falando assim porque eu parei ah to cobrando a galera , uma parada que eu não faço, mas to incluso nisso também. Ah vamos chama a galera que pintava comigo há 2, 3 anos atrás 5 anos chama o kash o gaiato uma vez rola isso depois para ,fora se quiser mesmo aumentar o plano vamos expandir essa p\*\*\*\* aqui , a galera tem que meter muito cara para cacete é chata cara ,tipo dificilmente vai ter patrocínio é do teu bolso mesmo. material tá mais caro agora tá melhor ,tá

muito melhor de qualidade mas sai caro , tipo você vai para fazer o rolê com tinta kit reaproveitável massa corrida e o cacete era uma lata para cinco não dar pra fazer traço mas pelo menos assinar. Lembro dos últimos tramos eu tava fazendo era com 5 ou 6 lata ,mas um negócio que maluco chegava vender a 10 conto pra gente com desconto 5 ou 6 saia 60 ou 70 reais lata, mas se tu vai fazer um trampo grande com a galera você gasta R\$ 200 conto por aí e não todo mundo que tem dinheiro pra colocar num trampo que tu não vai ganhar nada em troca a não ser satisfação pessoal mas tipo tu jogou ali e às vezes tá a situação aqui tá bem e as vezes tu ainda tem que escutar tiozinho xingando ,polícia as vezes para tem e dar quela trocada é meio complicado ,porque investir na parada que não dá retorno e cora tem que ter muita vontade mesmo ou tramar na área ,tramar com Arte aqui Macapá difícilimo mas os cara quiserem mete a cara vai tramar na área ,tá tramando aqui tá ganhando pegando seu real e pega tipo rebarba de material tipo o Kahs faz isso também, ele faz uma trampo comercial ele pega o que sobra de lata de tinta e faz o dele na rua mas aí vai de cada um né,

7\_cara muito alto justamente porque ele atinge tipo as massas, arte mas diferentemente de outros estilos ele não está em clausurado se bem que nu Louvre e os outros museus existem exposição de grafite mais o grafite em si tu não encontra ele preso , tá na rua a tela Urbana da acesso para todo mundo para colorir dependendo também da arte passa uma mensagem firme positiva algo que te instiga a pensar tem potencial também cara, tipo ali aí tem algumas empresas mas de marca principalmente ligada à moda ,tipo público mas jovem que saco essa para do potencial do grafite na intervenção como marketing, como propaganda tá investindo nisso, tipo a eco e Quix em fim algumas marcas justamente porquê grafite tem a vantagem, a vantagem de pegar na verdade e chapa tu não precisa ir lá para Galeria pá tipo no sesc aqui pra ver uma exposição de grafite, você ta passando de bonde para o teu trampo de manha ta ali aquele tela foda ,chegando na casa da tua mina tá ali também aquele trampo aquilo já faz parte e tipo uma tatuagem né a decoração a muda com o tempo, mas o grafite é feito uma tatuagem Urbana tatuagem da cidade ,decoração aí eu vejo não só digo acho positivo potencial intervenção como eu acho necessário para embelezar e quebrar um pouco aquele aquele Chapadão da cidade tu ver muita tela comercial tipo cara pega net Outdoor

uma tela ele faz uma fachada da loja ele é legal só que ele é mais Informativo Comercial forma de entreter, distrair ,agradar aos olhos tem artes em si grafite como outras expressões urbanas de rua eu vejo como um elemento essencial para trazer arte para todo mundo ter mais acesso ,tá ligado!!

### **Decupagem - Entrevista: Achly (NIANI), Eder (CURUMIN) e karinny**

1.Ashly\_ o meu primeiro contato com grafite foi vendo na internet eu vi alguns grafites dos gêmeos foi da onde eu me interessei um pouco só que eu não liguei muito de início, aí eu comecei a fazer faculdade de design no CEAP e teve lá ,eu não lembro o nome ,Ramonés participou junto com o Nyl e o Éder, que eles deram aula lá de grafite foi acho que um dia de aula de grafite foi o dia que eles mostraram como funcionar o spray explicaram lá como acontecia , a questão história do grafite foi daí que me deu um pouco mais de vontade ,só que mesmo assim eu não fui pra frente. eu conheci o Curumim na rua e foi ele que me introduziu ao grafite e aqui estou eu.

2.Ashly\_ dentro de Macapá eu gosto muito do trabalho da campelo da Amarela e ela ta bem atuante e atualmente ta fazendo muitos trabalhos bacanas, a Moara que ta aqui em Macapá e em outros estados e eu acho isso muito bacana a Moara com Tami e o Curumim na rua também são as três referencias daqui de Macapá que eu tenho. Fora já tinha falado antes o gêmeos gosto bastante do trabalho deles , segue Mag magrela eu acho que é uma mulher que consegue fazer presenca no grafite e trazer o que é nossa representatividade questões de sentimentos e tudo mais , mostrar o que ta acontecendo dentro da gente não só o que ta acontecendo fora a questão política e tudo mais e o Crânio também ele se faz presente muito presente na minha personagem por conta das características indígenas. 2:55

3.Ashly\_ hoje os mais ativo que eu vejo assim é a Moara e Campelo, são as que eu mais vejo na ativa a Moara levou recentemente pra Bahia o trabalho dela aqui em Macapá ela ta fazendo muitos trabalhos bacanas e, e tem outros trabalhos muito bacana é o que eu to mais vendo , fora o Dj também.

4. Ashly\_9:56. Pra mim comparado as outras cidades eu acho bacana a regionalidade que o grafiteiro daqui conseguem passar nas artes deles, não que os outros grafiteiros de outros lugares não tenham, mas a gente passa algo nosso que muito gente não enxerga lá fora, então eu acho que quando a gente consegue passar um arte nossa pra outro estado levando daqui para outro estado ou se alguém ver no instagram, ou se viaja de fora e vem pra cá enxerga um grafite nosso eles veem as características do amapaense do pessoal do norte é uma menina dizendo égua é uma índio tomando açaí é uma ribeirinho sei lá tomando banho de rio. Eu acho isso muito bacana essa retratação do nosso povo do que a gente gosta de fazer, do que a gente gosta de comer, do que a gente gosta de ver e por aí vai. Levar isso para as paredes é muito interessante e é muito bacana pra quem vem de fora e pra quem tá aqui dentro também vivendo o que a gente vive, a questão de material é escasso tudo mas falta um incentivo na arte mas eu acho muito bacana enxergar esse lado bom da história.

5. Ashly\_Falta de incentivo total, a dificuldade de você encontrar material tanto a questão de látex, quando a questão de lata cores e por aí vai, ou então quando tu vai procurar um lugar pra fazer não te cedem o espaço... tem que ficar dando jeitinho em uma coisa e outra o tempo todo mas a gente faz.

6. Ashly\_Pra mim é questionamento e confiança eu diria confiança da parte do grafiteiro porque quando você vai grafitar um muro tanto faz sendo autorizado ou não principalmente os não autorizados, você tem todo aquele ritual de tirar a mochila, você tira as latas e aí tira as tintas e vai tirando todo esse material e depois você começa a fazer os traços e isso tudo de costas para o público, o público vai passando vai vendo o que você tá fazendo, só eu o fato de você estar de costas é um meio de confiança do grafiteiro com as pessoas que estão passando ali por trás. Pode acontecer de você ser agredido da pessoa tá de olhando te julgando... pra mim é um meio de confiança do artista, já a questão do questionamento é pra quem ver, porque tu ver as vezes uma arte toda coloridona bacana vai te fazer sentir alegria, vai que fazer sentir euforia vai te fazer questionar o porquê daquela arte toda colorida e você também vai ver as preto e branca e aquele preto e branco que não é tão atraente vai te fazer pergunta por qual motivo ela fez aquilo, as vezes retrata a situação política principalmente a atual, que provavelmente vai provocar muitos

artistas a virem atuar mais, como outras questões de sentimento como já avia falado da mag Magrela...então eu acho que o grafite causa esse tipo de impacto e muito mais.

1.\_Eder. Foi eu acho que em 2012/2013, depois que eu fiz uma viagem né, tava lá em São Paulo ai eu via o panorama da cidade e me interessou bastante. Ai eu vim pra Macapá doidão para querer aprender a grafitar, no tempo eu fazia Portinari então, sempre que a gente perguntava que eles ensinavam a fazer grafite eles pensavam que era no lápis, ai foi na doida mesmo para aprender a grafitar, até eu em 2015 de 14 para 15 que tive uma contato maior, depois que entrei na unifap foi que a já conheci o Ramones ai a gente foi fazendo intervenções pela cidade junto com o pessoal. Então se iniciou assim nessa fase de descoberta e de aprimoramento também. Já agora em 2017 nasceu o curumim que eu chamo de “ curumim na rua” que ele já é o personagem que eu crio para expressar toda essas minha regionalidade influencia de tudo né.

2.\_Eder . tem o Ramones que foi o cara que logo que tive contato eu a gente estudava junto, depois passei um tempo sem fazer ai foi depois que eu vi uma galera que tava bem atuante na rua que era a Campelo que eu admiro pra caramba o Dj são artista assim que me fizeram voltar a grafitar que tinha parado um tempão e quem eu admiro pra caramba o trabalho também e outro muito outro também né, vem fazendo uma trabalho bacana a Moara eu gosto muito das cores que ela usa a homogeneidade do trabalho é muito bacana. Fora eu acho que o Cranio que eu admiro pra caramba, o Nunca é um dois artistas também que pude der vários murais em São Paulo, os Gêmeos principalmente a galera do CHN eu o conheci em Macapá uma vez, acho eu essa galera deu uma gás bacana assim são referências de ocupação desse espaço urbano.

3. Eder \_Cara os que estão ativo ainda a campelo, o Dj, a Moara uma galera que ainda não parou e tá atuante na cena.

4. Eder\_ um pouco que eu pode acompanhar em algumas cidades principalmente pelo instagram a gente ver bastante , como a gente grafita vai tendo essa troca de conhecimento com pessoas de fora, eu acho eu Macapá comparação com o centro do grafite no Brasil é São Paulo, Macapá o grafite é

mais horizontal no caso do que a verticalidade de São Paulo e das metrópoles. A gente vem tendo um avanço mas às vezes dá uma pausa no próprio Amapá dos grafiteiros, talvez pela falta de material em Macapá, falta de incentivo diferente de cidades onde a própria cidade pela parte dos paisagistas, do urbanismo dela invertem em grafiteiros sabe, fazem aquele circuito bem grande para eu fazer a cidade colorida diferente de Macapá tudo que vem pra cá, vem escasso, vem mais caro então isso vai influenciando na maneira de você fazer o grafite também. Então às vezes não tem lata ou às vezes tá muito caro o látex e em comparação isso vai diminuindo um pouco mais a atuação na rua, eu costumo dizer que o artista de rua em Macapá ela ainda é um pouco tímido em comparação às outras cidades que a pessoa vai e ocupa mesmo, a gente ainda tem um pouquinho de receio por não sei por ainda ser conhecido por uma arte "vandal" talvez isso também crie um receio na pessoa na hora de ocupar os muros diferentes de outros lugares também que a galera já tem mais uma vontade de ocupar e fazer o grafite são coisas que vão... cada vez vem uma geração nova vai instigando os outros a fazerem, vai montando aquele grupão como já teve muito aqui pra ocupar a cidade, mas a diferença é nisso material, pessoal também.

5. Eder\_cara eu acho eu tá bem no meio da falta de material, material de qualidade, material mesmo em si. Aço eu é uma das maiores dificuldades atualmente posso falar mim que minha questão hoje em dia é tempo, como a maioria dos artistas são jovens então tem essa vida: trabalho, escola, seus estudos, seus afazeres então o tempo vai diminuindo um pouco tempo também a ocupação, mas o espaço tem bastante na cidade. Acho que fica mais em volta disso do tempo do pessoal da falta de material.

6. Eder\_ Eu acho eu o grafite dentro da cidade ele é uma mudança nessa atmosfera do eu é a cidade, ele tem um poder de impacto, de reflexão também a partir do eu você desenha, do que você escreve da mensagem que a pessoa quer passar e como a outra recebe. O grafite ele se faz por isso, às vezes há um local aonde causa um certo desconforto dentro da cidade ou são espaços que estão ali como eu gosto de falar "espaços sóbrios" a gente faz numa cidade sóbria, então a partir do momento que existe aquela intervenção feita por uma pessoa, por um indivíduo e outra pessoa passa no ônibus, no carro, na bike andando e ontem quando ela passou pelo mesmo caminho não

tava e hoje já tem algo, então já causou uma fissura, já causa alguma reflexão nela .Então o grafite ele vem mais pra mudar essa sobriedade do cotidiano, trazendo a pessoa a reflexões, a apreciar mais a cidade e por der ver a cidade de uma outra forma, assim como são Paulo tem esse problema do cinza dos prédio e de tudo mais e o grafite com o incentivo do próprio governo ele vem para colorir a cidade, pra mudar a forma que o cidadão enxerga e vive aquela cidade da então ele se torna a vida aquela cidade também ele dá mais vida a cidade melhora o cotidiano da pessoa

1. karinny\_ primeiro contato com grafite foi em 2012 em São Paulo fazia parte de uma rede de cultura e comunicação e eu fui fazer uma vivência em uma das casas que a gente tinha em um projeto de intervenção de arte de rua nas casas e acabei por participar de uns assim como em fim uma pessoa só interativa, Ali só que eu comecei a grafitar acho que em 2016/2017 começou em 1017 e final de 2016 porque na verdade complicado responder essa pergunta para mim ,porque eu me considero muito nova nesse sentido no grafite assim eu tive um contato e uma apuração maior no mundo da pichação mesmo foi onde eu conheci o grafite também, já foi quando eu comecei ,eu morei em BH em 2014 foi momento em que eu mais tive contato com o picho com os pixadores e foi onde eu fui conhecer as diferenças entre grafite também e o picho e fui quando em 2017 ,foi que eu fui fazer essa transição , essa experimentação na verdade de arte na rua com grafite sem ser através do picho e foi assim mais ou menos.

2.karinny \_tá então como eu falei o grafite ele é uma influência muito grande para mim ,mas os meus me influenciem de arte de rua elas estão ligadas mesmo a pixação e assim só que eu vou diferenciar algumas coisas então ,acho que tem aqui dentro que é onde que é o meu berço acho que a primeira grande influência é a Gabi é a Campos acho que é um artista incrível, a Moara do cereia abacaxi com a Tami também, o sereia abacaxi com a Bianca enfim , e o cotonete Acho que são três diferentes grande referências aqui em Macapá ,acho que no Brasil são muitas eu filtrei algumas porque conversaram comigo é fora daqui eu acho que a Dabureré de Manaus do Golden Girls que é uma crew de Manaus do Amazonas, a Pâmela Castro que é uma cafeteira do

Rio de Janeiro e o Gama que hoje é um grafiteiro Mas ele foi uma p\*\*\* influências na verdade de vida pra mim e eu vou falar algumas outras pessoas que dentro da arte de rua através da pixação me influenciaram muito acho que os piores de Belô, a Anarquia que é uma pixadora antiga do Rio de Janeiro em fim uma pá de gente que te ensinou isso aí na rua né, e para mim foi muito importante, ah o Zion também e o DJ acho que foram duas pessoas extremamente importante para mim nesse mundo aqui em Macapá.

3. Karinny\_ Eu acho que tem o kash, o próprio Eder, o ramones, a Moka ,DJ, o Zion é uma galera que eu consigo pensar assim , agora rápido tem muito gente ,algumas pessoas não estão atuante mas os trabalhos que tenho mais visto assim são dessas pessoas.

4. karinny\_ Ao meu ver no sentindo assim estético eu acho que ele é uma... geralmente tem essa coisa de achar o que é de dentro é ruim né,e ai eu acho que na verdade é muito ao contrario inclusive os grafiteiros assim os artista de ruas de Macapá eles tem si dado uma complementaridade e uma valorizada assim muito bacana entre si sabe, eu acho que em comparação estética com outros lugares também acho que não há diferença, há talentos tão grandiosos em fim como qualquer outro lugar do mundo. Acho que é mais uma questão cultural também o grafite ou pixo ou qualquer artes de rua já existe há muito tempo em qualquer lugar , so que acho que esse “boow” essa inda pra rua veio de uns anos pra cá e isso ta voltando ao pouco e acho que mais uma questão cultural assim sabe, de atuação e eu acho que de espaço também sabe, eu vejo que...como a gente falou eu tava brincando mais cedo aqui , a maior da minhas dificuldades é material entendeu e patrocínio, reconhecimento acho que tudo isso em qualquer lugar falta, mas acho que por Macapá ser uma cidade ainda que não é uma metrópoles é uma cidade que mais um lugar de interior ou então ela tem esteticamente uma outra estrutura que não é a mesma aplicação das outras. Então para que a cultura de artes de rua ela venha se torna uma coisa que um dia a gente possa se vangloriar ou usar que é mastering ainda falta muito assim acho que a gente ainda ta muito assim na clandestinidade de algumas coisa dentro do grafite.

5. Karinny\_ Eu acho que eu concordo muito com os meninos que exatamente isso...acho que é uma coisa mais estrutura assim, acho que eu

apontaria duas coisas a falta de incentivos de projetos do poder público e eu acho que uma construção social mesmo eu agente ver dentro da nossa sociedade eu é o preconceito a milhares de coisas que a artes , a cultura, a pessoas, a pobre a mulheres a tudo e acho que isso tudo influência nessa desconstrução mesmo e pra começar um dos maiores problema é a construção social mesmo eu agente tem em cima disso, acho por ser julgado artes de vândalo ou artes de gente pobre ou arte de gente eu não tem o eu fazer ou arte é coisa de gente escrota, sabe essa construção ela é guiada por uma estrutura e uma estrutura eu ela pode ser construída e ela tem o dever de ser desconstruída através de projetos do poder público. Então eu acho que através da prefeitura ou do governo do estado a gente pode mudar isso através de incentivo e já cola com o que os meninos estão falando, baratear produtos eu é a função do governo que ele tem de negociar produtos eu eles sejam barateados para dar acessibilidade a esses artistas, chamar artistas para projetos e os empresários também em contra partida com milhares de merda que eles fazem, chamar isso de uma madeira bem direta acho que são essas duas coisas elas são complementares na minha opinião, acho que a gente tem uma sociedade preconceituosa com arte e com a cultura e todas as minorias que a gente tem, retratada dentro dessa arte e eu acho eu a gente tem o descaso por parte governo , sabe a gente não é olhado , não visto com artista, eu to aqui muito lisonjeada mesmo por ta fazendo parte de uma projeto que ele chama grafiteiro, mas acho eu ainda to não merecendo esse título sabe, mais ainda lisonjeada com esse convite e eu falo em nome do vandal mesmo. A gente nunca preciso pedir licença de ninguém pra fazer o que a gente faz e dentro do grafite tem essa possibilidade, então eu acho eu através do grafite consegue desmistificar muita coisa a cerca de tudo isso, eu acho eu artes de rua ela tem essa função mesmo de impactar e de chocar mesmo, de colocar as coisas eu as pessoas não querem ver mesmo e as vezes vai ser uma coisa que algumas pessoas não vão achar bonito, mas ela vai ter uma função mesmo e acho que esse o papel da arte de rua e o que nos falta é isso essas duas complementaridade é banir o preconceito que gente tem na sociedade através de incentivo direto do governo.

6. Karinny\_ acho eu as duas coisas que eu vou falar sempre nessas duas vertentes do vandal e do grafite eu são coisas completamente

complementares , mas completamente distintas também e eu acho que as duas servem pra isso pra gente chocar , poderia resumir a isso retratar...quando ela fala das influencias delas por exemplo tem uma moça que faz grafite a cerca do que a gente sente , politicamente e pessoalmente. Então o que uma outra pessoa é uma frase um pixo que a gente vai ver vai mudar a vida de uma pessoa, então eu acho eu o potencial do grafite ele é esse de impacto pra mudança acho eu são essa duas coisa impacto e mudança são os dois passos que a arte de rua pode proporcionar a vida de todo mundo mesmo, independente de classe ou qualquer coisa .

### **Decupagem - Entrevista: Rogério Araújo (Nomed)**

1\_Cara, meu contato foi meio, de forma inesperada, eu morava em belém era 92 ou 93, e eu morei em um bairro que era bem pesado essa parte de graffiti, no caso a pichação né, tinha várias gangues e tal né, e eu morei num bairro que tinha um gang que o nome era 'graffiti' a gang do graffiti, ai eu conheci os moleque na rua jogando bola né aí através disso eu conheci alguns pichadores, e eu via eles pichando na rua e talz e de repente já estava riscando uns "tags" em caderno aí eles falavam: - porra cria uma pra mim aqui meu nome é tal.

Aí fui fazendo né, nisso fui criando amizade com os pichadores, eu saia com eles mas eu não pichava, só ficava de longe assim olhando eu não tinha esse queixo de chegar e pichar muro dos outros e prédios e tal... eu sempre ficava de longe assim meio acanhado e tal, mais por medo né que é ainda hoje bem criminalizado por parte da polícia né, então esse meu contato foi bem assim; cercado por gangs de graffiti né e me apadrinhando e conhecendo sobre...

2\_Minha primeira vez que grafitei já foi aqui em macapá, conheci umas pessoas artistas de rua e colegas de faculdade, então gente pichava em lugar mais reservado assim... não muito escancarado né, aprendendo contato com a lata né o spray. Aí passava na rua e via u graffiti uns picho do "COTONETE", "SEKO" do "OSSO", "SAMIR", "KASH", e outros ai que não lembro o nome e era aquela coisa né bem pichação mesmo, e com o passar do tempo isso foi evoluindo né pros desenhos que são chamado de graffiti, que na

verdade tudo é pichação né ou é graffiti ou pichação tudo a mesma coisa então...

3\_Como eu disse né quando eu comecei a ver os muros aqui né, eram coisas que eu via do OSSO do SEKO, do COTONETE, ai eu ficava assim porra tem pichador aqui né alguns eram até de fora, pessoal de belém que estava por aqui fazia umas pichações por aí, aí fui percebendo esse movimento aqui dentro da cidade, que até então pra mim quando vim pra cá era desconhecido, pra mim.

4\_Essa ideia de coletivo, no início eu era meio “de banda” assim, depois eu fui vendo os movimentos de fora né, aí fui vendo como era grande a parte da arte urbana da intervenção do graffiti e tal, tem um coletivo que é de goiânia que é o “bicicleta sem freio”, eles não são praticamente grafiteiros, eles têm contato bem pouco com lata e spray, eles são mais..fazem painéis com pincel rolinhos e tal mas dentro..se encaixa dentro do graffiti. E sempre admirei artistas como “os gêmeos” “kobra”, dentre outros né até de fora do país né como os “Banksy”, estudei com um amigo que era de Natal(Daniel Nec) né na época da faculdade eu ele o Felipe, o Marconi, que já grafitaram, então gente falou porra vamos fazer um coletivo, vamo expor vamos sair pra pintar, vamo conseguir lugar se encontrar...(sinos da igreja atrapalham)

...Então essa ideia de coletivo surgiu assim com uma reunião com os amigos da faculdade né e de fora também né. A gente via uns documentários e tal né aí a gente falava porra bora montar um coletivo? - porra vamo! a gente junta faz umas exposições saí pra pintar e bora ver no que dar né. Aí a gente fundou o “Catita Clube” foi em meados de 2009 ou 2008, por aí... O Daniel tinha uma casa aqui na av. Fab né, e lá era tipo o QG, se juntava lá, marcava pra sair na rua eee, foi bem assim, acho que foi meu primeiro e último coletivo que eu participei. Depois de lá apareceu o espaço caos né que era um coletivo de vários grupos focados em áreas diferentes cinema e tal, e o nosso já ficou fora do graffiti né (acho esta falando do estúdio corsário) nosso ja era um mais comercial era um estúdio de design de criação...

5\_Aqui em macapá né, talvez eu não lembre de todos mas vou citar o “KASH” que já falei dele,o “RAMONES” o, “SAMIR” tem as meninas(AZYARA)também né que estão com destaque bem grande faz uns 2 anos que elas estão bem focadas nisso né, tem um grupo se chama “AZYARA” as meninas são bem ativas até mais que muitos que grafitam a mais tempo, e eu tive uns 2 3 anos parado né produzindo apenas coisas pessoais, eu tava meio que fora assim do graffiti, esse ano que eu dei um retorno eee... é isso.

6\_Bem aqui de certa forma foi sempre um pouco tímido né, comparado a outras cidades, mas é um lugar que pelo fato de ser pequeno, tu anda no centro por exemplo e tu vê vários grafites por aí espalhados né, graffities em áreas públicas e também em áreas privadas, que são as contratações né, o grafiteiros aqui né, não só aqui em outros lugares tem esse problema de ter essa falta de espaço que a pessoa posso chegar e pintar oque ela quiser, tem essa coisa da autorização, de pedir autorização pra poder pintar e, assim né eu vejo de forma assim tímida ainda... mas nada que, porque a gente vê por aí né acontecendo por aí, o graffiti espalhado pela cidade de certa forma tímida né mas a gente sempre vê por aí.

7\_É sempre complicado né, aqui né como é bem marginalizado ainda né... a gente não pode qualquer hora do dia pintar um muro por exemplo, pessoal vai passar e já vai falar: - vou chamar a polícia, seu marginal vagabundo, pichador!. é sempre assim... E não é né? é uma coisa que de certa forma da um “UP” na cidade, da um embelezamento, a gente vê vários desenhos bacana bonitos, tema mensagem também por trás, não é só a questão de ser pichação ou ser graffiti ou não né. De certa forma tem um impacto social né, por exemplo uma amiga nossa Chiara estava com um projeto que era até tema do tcc dela o “Baixada Vive”, tipo a gente foi ensinou as crianças sobre graffiti como pintar, apresentou pra elas a lata de spray, algumas nunca viram na vida uma lata de spray, a não ser por internet ou televisão né, aí tiveram essa oportunidade de ver de perto e oque é melhor ainda que é praticar... a gente viu né a empolgação né das crianças, algumas abaixo de 10 anos de certa forma tem esse impacto né transforma a vida de pessoas, muita gente tá no graffiti por causa de atitudes dessa, de ser

apresentado de ter um contato maior, e vê que não é como a grande maioria pensa CRIME, por graffiti não é isso não é crime, é ARTE.

### **Decupagem - Entrevista: Moahra Negreiros (MOKA)**

1\_Meu primeiro contato com graffiti foi 2011, que foi quando eu juntei com o pessoal do Catita clube, na verdade nos iniciamos o Catita club juntos que objetivo era fazer arte de qualquer forma e não especificamente de graffiti, fizemos uma exposição em 2011. Acabou que aconteceu aí nos encontrávamos e saímos na rua e pintamos, e isso foi ficando muito mais frequente, aí fui tomando coragem também alguns continuaram outros não..e acho que foi um experiência muito legal, porque quando iam para , a gente percebia que estavam criando uma galeria na rua a céu aberto onde outras pessoas poderiam apreciar ao passar so de ta ali, aquela arte impactava as pessoas, e ficava todo mundo muito curiosos para saber oque estava acontecendo, porque até então a gente não via pessoas fazendo isso assim, não era algo natural não era algo comum, então chamava muita atenção das pessoas, quando a gente ia pra rua e fazia isso e isso era legal da gente sentir também, sentir tipo caramba estamos movimentando algo que está chocando as pessoas, deixando as pessoas curiosas e isso acho que foi bem legal, principalmente o fato das crianças assim, ainda lembro que uma das primeiras pinturas foi perto da av.FAB, onde era a sede do catita clube, e as crianças ficavam muito entusiasmadas vendo aquilo e ficavam perguntando oque é? como é? não sei oque. Então a gente se sentiu muito felizes assim de participar disso, e acho que isso foi um dos motivos assim que eu adorei o graffiti assim, porque é o fato de você ta na rua e ter essa relação assim com as pessoas envolta e ao mesmo tempo é você se desapegar, porque você deixa aquele desenho lá e entrega, você ta deixando ali outras pessoas podem intervir outras pessoas podem não gostar do que você fez e ir lá e pintar, então rola um desapego assim, eu acho muito bacana assim... são experiências assim, eu gosto mais desse ato de pintar e ter essa experiência com as pessoas que

você ta pintando, com as pessoas que estão vendo que você ta pintando, com o que isso ta passando, o que isso ta levando pra elas eu acho isso bem legal.

2\_É eu sempre achei muito incrível assim, como os artistas conseguiam colocar sua arte em grandes murais, umas coisas meio megalomaniacas assim eu achava muito fascinante eu achava bem legal... Então eu sempre achava que tinha que ser assim bem vruu! bem grandão! ai eu sempre, eu sou meio rata assim de referências eu to sempre ligada nessas coisas, então quando eu saio eu vou caçar a pessoa que fez eu vou procurar quem é que fez vou procurar saber a história então isso pra mim é bem legal, então quando surgiu isso na minha cabeça foi meio que quando no ensino médio assim, quando a gente fazia feira da escola, tinha sempre uma pessoa que chamava um artista pra ir lá grafitar um stand ou ir lá pintar fazer alguma coisa. Aí eu lembro que uma das primeiras pessoas que eu lembro que vi fazendo isso foi o COTONETE, que eu nunca mais o vi, não sei por onde anda..

Eai foi uma das primeiras coisas assim que eu achei legal que eu achei bacana, mas não foi de cara assim( rapá eu vou fazer isso.), foi depois que eu entrei na faculdade e reuni com pessoal e tal... E eu acho que talvez eu não me recordo de ver algumas coisas assim pela cidade e eu acho que até hoje se você perguntar pra algumas pessoas elas vão dizer que o grafite não tem, que não há uma cena aqui em Macapá, que não existem grafiteiros aqui em Macapá, que não existe gente fazendo arte aqui nas ruas. Porque ainda sim é algo que ainda está num processo, eu vejo assim, assim que ainda não tem um cena forte, mas já tem pessoas fazendo isso porque eu sei, e eu faço parte disso porque faço parte desde lá de 2011 etal... E antes de mim ja tinha outras pessoas que ainda né também não eram vistas e tudo mais.

E talvez tem essa coisa também, quando você começa a perceber a cidade e perceber que tem coisas na rua acontecendo, quando isso começa a fazer sentido pra você né? Então... talvez um monte de gente passem por graffiti que a gente ja fez a vários tempos e talvez nem saiba que existe mesmo, não nota não percebe né porque não faz parte da vida da pessoa... então eu não me recordo de vê muitas coisas assim coloridas e nesse sentidos antes...

E acho que a gente conseguiu inspirar até que várias pessoas assim... lembro que depois do catita vários outros grupos foram surgindo... e outras pessoas

foram fazendo. Eu lembro que a gente fazia eventos na praça e isso era algo também, e depois se tornou muito comum e tal, acho que foi bem legal participar desse início, dessa explosão inicial.

3\_Depois que o catita terminou né o seus trabalhos, a gente continuou independente cada um a amizade continuou, meu deus! tipo a gente é uma família até hoje cara, fico até emocionada o momento que cai a lágrima (risos). Porque.. por exemplo o Rogério(que é o NOMED) o GRIPE(Felipe), Jay Jay(JJ), Carla essa galera ficou muito presente na minha vida, o NEC que está para outra cidade. Então ainda pra mim, são grandes referências assim pra mim até hoje, e são pessoas que ainda fazem isso até hoje, não fazem isso exatamente né? diga, sempre da que acontece, e pra mim foi a maior inspiração que eu tive porque é isso assim, vamo pintar? - vamo! não tem aquele medo aquela coisa assim.

4\_E aí depois disso agora eu faço parte do sereia abacaxi, que é um estúdio criativo, e a gente está revivendo isso agora das pinturas, porque é algo muito forte e eu gosto muito de fazer, e é onde eu me encontro assim nessa parte das pinturas de mural, eu tenho vontade de fazer isso profissionalmente, e agora tem acontecido mesmo de fazermos alguns trabalhos profissionalmente, dentro de lojas dentro de estabelecimentos comerciais, que acho que isso é bacana quando outras pessoas começam a querer investir mesmo no teu trabalho e acreditar isso como potencial, porque geralmente as pessoas né tem né; “- Ah pinta aqui, qualquer coisa é rapidinho e tal...”. Então isso é legal também, quando os empresários né o comércio tem essa visão de potencializar o artista, acho isso show e to vendo isso acontece porque até então não tinha essa valorização, e eu acho que e até também um coisa que nos dificulta muito também é acesso a esse material de Arte, por exemplo: nós ainda temos dificuldade de encontrar alguns materiais aqui na cidade, então até isso dificulta essa continuação dessa pessoas fazendo isso, da gente mesmo fazendo podendo aprimorar nos habilidade fazendo outras coisas, então é legal que isso comece a acontecer e a gente não deixar parar de acontecer.. para que também outras pessoas vão se incentivando a

continuar e outras pessoas queiram também investir nesses trabalhos e nos artistas que acho isso bem importante.

5\_Hoje dá pra perceber várias pessoas engajadas no graffiti e fazendo isso realmente acontecer, hoje tem KASH tem RAMONES, tem o Rogério também que é o NOMED, tem o GRIPE foi embora também né pra outra cidade, mas assim são pessoas que eu adoro também e o mais legal que vejo assim, que tem essa cena feminina também vindo com toda força por exemplo Gabi(CAMPIS) que veio depois mas está fazendo as coisas acontecerem a AZYARA e ZION e..gente tem uma galera agora fazendo, não vale dizer que não tem graffiti aqui em macapá porque tem. E Aí uma outra coisa também que eu quero dizer, sobra quando fiz uma viagem recente pro Rio, a gente consegue perceber um pouco essas cenas acontecendo assim, lá tipo eu vejo com muita frequência tipo ta por toda parte, não tem como não perceber o graffiti as pichações todas as intervenções possíveis de manifestação nesse sentido, e acho que isso foi até ponto legal assim que percebi por exemplo a gente sempre tem essa coisa de há o graffiti é uma coisa mais artística e blá blá e tal e a pichação é uma parada mais vandalizada e tal...(ônibus interrompeu)

#### **Decupagem - Entrevista: Mikeas Alves (kash)**

1\_Na verdade o primeiro contato foi quando conheci, o Grilo, salve Grilo que está em belém agora e em 2006 lá pra agosto de 2006, comecei a sair com a galera, na verdade conheci o Samir né que é o "News", o Ramos agora que é o "Osso" assinava Osso, e em setembro acho que comecei a pintar a sair pra rolê, letra e bomb por ai mesmo....

2\_Quando comecei a perceber o graffiti aqui em macapá na verdade foi a pichação né? o graffiti em si incrementado já foi quando comecei a fazer bomb foi quando conheci a galera, foi aí que fui conhecer o bombs os graffitis os letrados etal..

3\_Deixa eu ver umas referências aqui tem o Toys que é brasileiro, tem o Treng chù que é americano, eles jogam “wild style” etal, aqui só a gente mesmo fui um dos primeiros também.

4\_Coletivo, coletivo? eu não tinha percebido nenhum, tanto é que até agora não tem nenhuma “crew” formada aqui (que eu conheça né) esse tempo todo não vi nenhuma crew assim, a gente ja tentou fazer uma crew mas não deu muito certo assim, e foi cada um pro seu lado, agora coletivo participei do Sem ID né, que a gente fazia uma oficinas de graffiti, a gente fazia alguns eventos e só, isso aí em 2013 o sem ID surgiu e fizemos umas oficinas eventos.

5\_Atualmente deu uma crescida bastante grande pro oque tinha antes aqui em Macapá, hoje acho que deve ter de 15 à 20 grafiteiros, atuando direto ai galera nova mesmo ai botando pra fuder mesmo pegando muro, antes não via muita coisa não mas deu uma crescida muito boa aqui em Macapá.

5\_O graffiti Macapá? como eu vejo agora, o Graffiti Macapá ele tá bombando agora né tanto é que quase em todo lugar tem um bomb, tem um tag, tem um personagem tem vários modalidades por aí, mas perante outras cidades assim, outras capitais ele ainda é um pouco pequeno, a cena ainda é um pouco pequenas, ainda a galera ta evoluindo até chegar a um patamar grandezão naquele estilo metrópole cheia de pichação e graffiti. Essa condição do graffiti não é só em macapá o graffiti tem perdido muito por conta dos preços o Brasil todo acho que tá nessa crise de preços de lata de material, não só aqui em Macapá mas aqui ainda é mais difícil no caso, por conta que vem de balsa a gente mora numa ilha então fica mais dificultoso ainda, tipo dar 25 reais numa lata de spray agora, sendo que 2 anos atrás a gente comprava à 13 reais, aí ta muito complicado né não só aqui mas no brasil todo.

6\_(minha opinião sobre o poder de intervenção) Minha opnião é eu apoio mesmo qualquer tipo de intervenção qualquer tipo de manifesto que possa levar alguma coisa ou chamar atenção, de alguém ou de algum poder

assim que possa causar algum impacto na sociedade já é bom já pra mim eu acho ótimo, qualquer intervenção.

7\_ como a gente comprava né? a gente comprou e compra até hoje em loja de construção, um lugar onde a gente comprou muito até um tempo desse foi um lugar ai, uma loja de bike mesmo de vender bicicleta que estava com preço muito acessível até um tempo desse, tanto é que agora a gente só compra lá, mas a primeiras latas que eu comecei usar foram de uso geral mesmo Colorgin, Iquine, coral só aqueles de construção mesmo de uso geral mesmo não tinha outra coisa não.

8\_ Na verdade tenho histórias né relatos de oque era a pichação aqui que eram mais por conta de gangue mesmo assim, que a galera pintava o setor dos outros e talz, e depois eles iam se enfrentar na porrada era mais isso mesmo, eu via muita pichação, via muito da gang sabotagem, da sepultura, e uns nomes mesmo do pessoal aí, teve até um tempo atrás uns 4 anos atrás apareceram umas pichações de novo né? galera da antigo aí que eles “acordaram e falaram a hoje vamos pichar...” aí eles até picharam ai mas fora isso só nós mesmo, tanto é que aqui ninguém cobre trampo de ninguém aqui em Macapá, é por máximo respeito né de um pro outro aqui né, comparado o que acontece aí fora.

**Decupagem - Entrevista: Bruno Ribeiro (GAFA)** (questionário respondido via whatsapp)

1\_ Através de um convite entre amigos que já praticavam o grafite.  
Foi em 2005, na escola carmelito do Carmo em um feira cultural.

2- Os amigos que me apresentaram o lambe-lambe é stickers

3- dentro de Macapá foi o amigo Osso, hoje conhecido como Rama, fora foi muitas revistas compradas na época

4- participei do coletivo Espaço caos é entre amigos foi criado o 100ID

5- Vejo o Kash com mais frequência é alguns outros como a Gabi Campi.

6- O poder público é a peça principal na disseminação do grafite, é quem apoia e libera os espaços. Mas é a repercussão da arte em sociedade que dá força ao movimento.

7- Falta de reconhecimento da sociedade tem sido um dos obstáculos para o estilo se firmar como manifestação cultural.

8- A discussão sobre o grafite como arte ou vandalismo, reflete o modo de cada um entender essas intervenções urbanas. É expressar minhas ideias e pontos de vista, em uma cidade que é completamente apagada, sem cores.

**Gabriela Campelo (CAMPS)** (questionário respondido via whatsapp)

1 - Meu primeiro contato com o graffiti foi em 2013, quando houve um mutirão pra grafitar todo o muro lateral do Colégio GM. Comecei a grafitar nesse ano de 2013, com uma pá de nego que tava ativo na época ainda! Hoje alguns daquela época continuam atuando

2 - Cara essa pergunta é muito louca por que, em 2012 eu via um graffiti muito lindo na avenida Fab, era uma caveira mexicana tipo uma Santa, toda trabalhada no estencil e eu ficava "caraca como faz isso?" Fiquei muito curiosa e fui buscar saber que tipo de arte era aquilo hahaha, e descobrir depois que era de um artista chamado GRIPE. Essa arte foi a minha primeira inspiração pra seguir e aprender, meio que me impulsionou.

3 - Mano, minhas referências principais aqui no Amapá são: Moara e Eder, que além de serem amigos eles me ajudam e me estimulam sempre a seguir em frente, me dão muito gás mesmo e me inspiram demais! Fora do estado minhas influências são Michelle Cunha e Paula Plim .

4 - Eu nunca participei de nenhum coletivo. Costumo dizer sempre que o meu coletivo acontece. Sempre que vou pra tua convido pessoas e ali rola um

coletivão, cheio de gente empenhada a evoluir, ensinar e aprender com cada um.

5 - Pelo ao menos ao meu ver, os que estão atuante mesmo nesse elemento são, Eder, Moara, Ash, Kash, Gesiel e Cottoneti.

6 - Eu vejo que o graffiti aqui na cidade começa a dar seus primeiros passos, pessoas aparecem se interessando em aprender e começam a sua formação. O problema mesmo é que diferente das outras cidades, Macapá não tem "AQUELE" incentivo que cidades como Bahia, São Paulo, Rio, Natal, tem. Não tem o apoio e tampouco é valorizado aqui. Eu e outros grafiteiros nos reunimos para tentar restaurar a história do graffiti no Amapá .

7 - Assim, tem as dificuldades financeiras né, tinta é caro e tudo mais, também vejo que o graffiti é bem marginalizado, ainda que seja Arte urbana, ele ainda sofre seus preconceitos nas ruas.

8 - Mano, o graffiti muda vida de muitas pessoas, tanto daquele que atua e produz quanto daquele que a vê. Eu tenho certeza que o graffiti influencia e muito em cada pessoa que aprecia essa arte, por que a nós não fazemos somente para si mesmo, mas a partir do momento que ele está na rua, ele vai falar por si só, cada pessoa tem uma interpretação diferente daquilo que vê, e eu amo ver isso no rosto das pessoas.